

L'OSSERVATORE ROMANO

EDIÇÃO SEMANAL  EM PORTUGUÊS

Unicuique suum Non praevalerunt

Ano LI, número 22 (2.649)

Cidade do Vaticano

terça-feira 2 de junho de 2020

Na solenidade de Pentecostes o Pontífice celebrou a missa em São Pedro e recitou o Regina caeli da janela do Estúdio particular

Para curar da carestia de esperança

Neste tempo de recuperação após a fase mais aguda da pandemia «encontramo-nos na fome de esperança e precisamos de apreciar o dom da vida, o dom que cada um de nós é», disse o Papa Francisco durante a missa de Pentecostes, celebrada na manhã de domingo, 31 de maio, no altar da Cátedra da Basílica de São Pedro. «Pior do que esta crise, há só o drama de a desperdiçar, fechando-nos em nós mesmos», advertiu o Pontífice, exortando-nos a invocar o Espírito Santo para libertar os nossos corações «da paralisia do egoísmo» e acender em cada um «o desejo de servir» e «fazer o bem». Por isso invocou: «Vinde, Espírito Santo: Vós que sois a harmonia, fazei de nós construtores de unidade; Vós que sempre vos doais, dai-nos a coragem de sair de nós mesmos, de nos amar e ajudar uns aos outros, de nos tornarmos uma só família». Também no Regina caeli – que o Papa voltou a recitar da janela do Estúdio particular do Palácio Apostólico do Vaticano, na presença de numerosos fiéis reunidos na Praça de São Pedro a uma rigorosa distância de segurança – ressoou o convite a confiar à intercessão do Paráclito a unidade da Igreja, «uma comunidade reconciliada e pronta para a missão». No final da antífona mariana, Francisco recordou o Sínodo dos Bispos para a Amazónia, que se concluiu há sete meses, e pediu aos fiéis que rezassem por aquela região.



Francisco retomou os temas contidos na mensagem recentemente enviada às Pom

Sem o Espírito Santo a missão é propaganda

ANDREA TORNIELLI

A 5 de julho de 1968, dirigindo-se à Assembleia geral do Conselho ecuménico das Igrejas, Inácio, então Metropolitano de Laodiceia, falou da ação do Espírito na vida da Igreja e em cada fiel, com estas palavras: «Ele é a novidade que age no mundo, é a presença de Deus conosco e “une-se ao nosso espírito”. Sem o Espírito Deus está distante, Cristo permanece no passado, o Evangelho é letra morta, a Igreja simples organização, a autoridade domínio, a missão propaganda, o culto simples evocação e o agir humano moral de escravos».

No dia da alegria de Pentecostes, que se tornou ainda mais festivo devido ao regresso do Papa à janela, com a praça de São Pedro novamente povoada de fiéis, a Igreja volta a tomar consciência da sua tarefa missionária. Uma tarefa que não brota de projetos nem de planos pastorais, mas da grata reverberação de um dom recebido, vivido na simplicidade e na normalidade da vida cristã. «A missão, a “Igreja em saída”, não são um programa, uma intenção a realizar por esforço de vontade», escreveu Francisco na sua mensagem para o Dia missionário mundial de 2020, citando um trecho do seu livro-entrevista “Sem

Ele nada podemos fazer”. É Cristo quem faz a Igreja sair de si mesma. Na missão de proclamar o Evangelho, movemo-nos porque o Espírito nos impele e nos carrega».

No dia de Pentecostes, disse o Papa na homilia da Missa celebrada em São Pedro, «descobrimos a primeira obra da Igreja: o anúncio. É no entanto vemos que os apóstolos não preparam uma estratégia; quando estavam fechados ali, no Cenáculo, não fizeram estratégias, não, não prepararam um plano pastoral...». Tanto a homilia como a mensagem para o Dia missionário mundial estão ligadas a outra importante mensagem, que Francisco enviou nos dias passados às Pontifícias Obras Missionárias (Pom). Nesse documento – arquivado rapidamente, ou interpretado como confirmação de projetos já em andamento – o Papa lembrou que o horizonte da missão da Igreja é a normalidade da vida de todos os dias, não os cenáculos elitistas, e que Jesus encontrou os seus primeiros discípulos enquanto eles estavam empenhados no seu trabalho diário, «não num congresso, nem num seminário de formação, nem sequer no templo». À rede das Pontifícias Obras Missionárias, Francisco não propôs projetos de reforma nem de nova fundação. Falando evidentemente

de um risco presente e atual, pediu às Pom que não compliquem o que é simples, sugerindo ao contrário que elas continuem a ser instrumento ao serviço do Papa e das Igrejas locais.

Texto inédito de Francisco

Com o olhar de Jesus

O hífen no meio da palavra (“com-unico”) não é um erro de impressão, mas um sublinhado deliberado. *Diversi e uniti*. *Com-unico, quindi sono* é um novo volume publicado pela Livreria Editora Vaticana – Dicasterio para a comunicação da Santa Sé que tem como tema ocasiões de diálogo “em ação”, na sua declinação concreta. O texto faz parte de “Troca de dons”, coleção “ecuménica” da editora que recolhe os textos e discursos do Pontífice acompanhados de um texto inédito que publicamos neste número.

PÁGINAS 8 E 9

PÁGINAS 2 E 3

Entrevista a António Guterres

As ameaças globais exigem solidariedade



ANDREA MONDA NAS PÁGINAS 6 E 7

REGINA CAELI

Sobre o valor da oração dos justos

As pessoas são mais importantes que a economia

«Agora que a praça está aberta, podemos voltar. É um prazer!»: Francisco saudou assim os numerosos fiéis que, respeitando a distância de segurança, voltaram a 31 de maio a reunir-se na praça de São Pedro para assistir ao Regina caeli dominical recitado ao meio-dia pelo Pontífice da janela do Estúdio particular do Palácio apostólico do Vaticano. Um encontro que faltava há três meses devido às medidas adotadas para conter a pandemia do coronavírus: de facto, a 1 de março, primeiro domingo de Quaresma, foi a última vez que o Pontífice recitou a prece mariana de maneira tradicional. Ontem, finalmente, o regresso à normalidade, graças também às forças da ordem que garantiram o acesso em segurança e o distanciamento interpessoal. A seguir, as palavras do Santo Padre comentando o evangelho de Pentecostes.

Amados irmãos e irmãs, bom dia!

Agora que a praça está aberta, podemos voltar. É um prazer!

Hoje celebramos a grande festa de Pentecostes, em memória da efusão do Espírito Santo sobre a primeira comunidade cristã. O Evangelho hodierno (cf. *Jó* 20, 19-23) reconduz-nos à noite de Páscoa e mostra-nos Jesus ressuscitado que aparece no Cenáculo, onde os discípulos se refugiaram. Eles tinham medo. «Pôs-se no meio deles e disse-lhes: “A paz seja convosco!”» (v. 19). Estas primeiras palavras pronunciadas pelo Ressuscitado: «A paz seja convosco» devem ser consideradas mais do que uma saudação: exprimem o perdão, o perdão concedido aos discípulos que, para dizer a verdade, o tinham abandonado. São palavras de reconciliação e de perdão. E também nós, quando desejamos a paz aos outros, estamos a perdoar e a pedir perdão. Jesus oferece a sua paz precisamente a estes discípulos que têm medo, que sentem dificuldade em acreditar no que viram, ou seja, no túmulo vazio, e que subestimam o testemunho de Maria de Magdala e das outras mulheres. Jesus perdoa, perdoa sempre, e oferece a paz aos seus amigos. Não vos esqueçais: Jesus nunca se cansa de perdoar. Somos nós que nos cansamos de pedir perdão.

Ao perdoar e reunir os discípulos à sua volta, Jesus faz deles uma Igreja, a sua Igreja: que é uma comunidade reconciliada e pronta para a missão. Reconciliada e pronta para a missão. Quando uma comunidade não está reconciliada, não está pronta para a missão: está pronta para discutir consigo mesma, está pronta para [discussões]

internas. O encontro com o Senhor ressuscitado inverte a existência dos Apóstolos e transforma-os em testemunhas corajosas. Na verdade, imediatamente a seguir diz: «Assim como o Pai me enviou, também eu vos envio a vós» (v. 21). Estas palavras deixam claro que os Apóstolos são enviados para prolongar a mesma missão que o Pai confiou a Jesus. «Eu envio-te»: não é tempo de ficar preso, nem de se lamentar: de lamentar os “bons tempos”, aqueles tempos passados com o Mestre. A alegria da Ressurreição é grande, mas é uma alegria expansiva, que não deve ser guardada para si mesmo, mas deve ser doada. Nos domingos do Tempo pascal, ouvimos primeiro este mesmo episódio, em seguida o encontro com os discípulos de Emaús, depois o Bom Pastor, os discursos de despedida e a promessa do Espírito Santo: tudo isto com o objetivo de fortalecer a fé dos discípulos - e também a nossa - tendo em vista a missão.

E precisamente para animar a missão, Jesus dá aos Apóstolos o seu Espírito. O Evangelho diz: «soprou sobre eles e disse-lhes: “Recebei o Espírito Santo”» (v. 22). O Espírito Santo é fogo que queima os pecados e cria novos homens e mulheres; é fogo de amor com o qual os discípulos poderão “incendiar o mundo”, esse amor de ternura que prefere os pequeninos, os pobres, os excluídos... Nos sacramentos do Batismo e da Confirmação recebemos o Espírito Santo com os seus dons: sabedoria, intelecto, conselho, força, conhecimento, piedade, temor a Deus. Este último dom - o temor a Deus - é precisamente o oposto do temor que antes paralisava os discípulos:



é o amor ao Senhor, é a certeza da sua misericórdia e bondade, é a confiança de que podemos avançar no rumo por Ele indicado, sem nunca perder a sua presença e apoio.

A festa de Pentecostes renova a consciência de que a presença vivificante do Espírito Santo habita em nós. Também nos dá a coragem de sair das paredes protetoras dos nossos “cenáculos”, pequenos grupos, sem nos acomodarmos numa vida tranquila nem nos fecharmos em hábitos estereis. Elevemos agora o nosso pensamento a Maria. Ela estava lá, com os Apóstolos, quando o Espírito Santo veio, foi protagonista da primeira Comunidade da admirável experiência do Pentecostes, e oremos a Ela para que obtenha para a Igreja um espírito missionário fervoroso.

No final do Regina caeli o Papa recordou o Sínodo amazónico e voltou a falar da crise causada pelo coronavírus.

Amados irmãos e irmãs!

Há sete meses terminou o Sínodo Amazónico; hoje, festa de Pentecostes, invoquemos o Espírito Santo para que dê luz e força à Igreja e à sociedade amazónica, que foi duramente atingida pela pandemia. São muitos os infetados e os mortos, também entre os povos indígenas, particularmente vulneráveis. Por intercessão de Maria, Mãe da Amazônia, rezo pelos mais pobres e indefesos daquela querida Região, mas também pelos mais pobres e indefesos de todo o mundo,

e apelo a que não falem cuidados de saúde a ninguém. Cuidar das pessoas, não poupar para a economia. Cuidar das pessoas, que são mais importantes do que a economia. Somos nós, as pessoas, o templo do Espírito Santo, não a economia.

Hoje, em Itália, celebra-se o Dia Nacional de Socorro, para promover a solidariedade para com os doentes. Renovo o meu apreço a todos aqueles que, especialmente neste período, ofereceram e dedicam o seu testemunho de cuidados para com os outros. Recordo com gratidão e admiração todos aqueles que, ao apoiarem os doentes nesta pandemia, perderam a sua vida. Rezemos silenciosamente pelos médicos, voluntários, enfermeiros, todos os profissionais de saúde e muitos que sacrificaram a sua vida durante este período.

Desejo-vos a todos um feliz Domingo de Pentecostes. Precisamos tanto da luz e do poder do Espírito Santo! A Igreja precisa dela, para poder caminhar unida e corajosamente, dando testemunho do Evangelho. E toda a família humana precisa dela, para sair desta crise mais unida e já não dividida. Sabeis que de uma crise como esta não se sai da mesma maneira, como antes: ou se sai melhor ou pior. Que tenhamos a coragem de mudar, de ser melhores, de ser melhores do que antes e de ser capazes de construir positivamente a pós-crise da pandemia.

Por favor, não vos esqueçais de rezar por mim. Bom almoço e até à vista, na praça!

L'OSSERVATORE ROMANO

EDIÇÃO SEMANAL EM PORTUGUÊS
Unicuique suum. Non praevalentibus

Cidade do Vaticano
redazione.portoghese.or@spc.va
www.osservatoreromano.va

ANDREA MONDA
diretor

Giuseppe Fiorentino
vice-diretor

Redação
via del Pellegrino, 00120 Cidade do Vaticano
telefone +390669899420
fax +390669883975

TIPOGRAFIA VATICANA EDITRICE
L'OSSERVATORE ROMANO

Serviço fotográfico
telefone +390669884797
fax +390669884998
photo@ossrom.va

Assinaturas: Itália - Vaticano: € 58,00; Europa: € 100,00 - U.S. \$ 148,00; América Latina, África, Ásia: € 110,00 - U.S. \$ 160,00; América do Norte, Oceânia: € 162,00 - U.S. \$ 240,00.

Administração: telefone +390669899480; fax +390669885164; e-mail: assinaturas.or@spc.va

Para o Brasil: Impressão, Distribuição e Administração: Editora santuário, televidens: 0800-160004, fax: 00551231042036, e-mail: sac@editorasantuário.com.br

Publicidade Il Sole 24 Ore S.p.A. System Comunicazione Pubblicitaria, Via Monte Rosa, 91, 20149 Milano, segreteria@redirezionsystem@ilssole24ore.com

Na manhã de 31 de maio, domingo de Pentecostes, o Papa Francisco celebrou a missa no altar da Catedral, na basílica de São Pedro. Publicamos a seguir a homilia que o Pontífice proferiu depois da proclamação do Evangelho.

«Há diversidade de dons espirituais, mas o Espírito é o mesmo»: assim escreve Paulo aos Coríntios. E continua: «Há diversidade de serviços, mas o Senhor é o mesmo; e há diversos modos de agir, mas é o mesmo Deus que realiza tudo em todos» (1 Cor 12, 4-6). *Diversidade e o mesmo, diversos e um só*: o Apóstolo insiste em juntar duas palavras que parecem opostas. Quer-nos dizer que este *um só* que junta os *diversos* é o Espírito Santo. É a Igreja nasceu assim: diversos, unidos pelo Espírito Santo.

Recuemos até aos inícios da Igreja, no dia de Pentecostes, e fixemos os Apóstolos: entre eles, temos pessoas simples, habituadas a viver do trabalho das suas mãos, como os pescadores, e está Mateus, certamente dotado de instrução pois fora cobrador de impostos. Existem origens e contextos sociais diversos, nomes hebraicos e nomes gregos, temperamentos pacatos e outros ardorosos, ideias e sensibilidades diferentes. Eram todos diferentes. Jesus não os mudara, nem os uniformizara, tornando-os modelos em série. Não. Deixara as suas diversidades; e agora une-os, unindo-os com o Espírito Santo. A *união* – a união deles que eram diversos – vem com a *unção*. No Pentecostes, os Apóstolos compreendem a força unificadora do Espírito. Veem-na com os próprios olhos, ao constatar que todos, apesar de falar línguas diversas, formam um só povo: o povo de Deus, plasmado pelo Espírito, que tece a unidade com as nossas diferenças, que dá harmonia porque, no Espírito, há harmonia. Ele é a harmonia.

Mas voltemos à Igreja de hoje. Podemos interrogar-nos: «O que é que nos une, em que se baseia a nossa unidade?» Também entre nós existem diversidades, por exemplo de opinião, preferência, sensibilidade. A tentação, porém, é defender sempre de espada desembainhada as nossas ideias, considerando-as boas para todos e pactuando apenas com quem pensa como nós. E esta é uma tentação ruim, que divide. Mas, esta é uma fé à nossa imagem, não é aquilo que deseja o Espírito. Nesse caso, poder-se-ia pensar que aquilo que nos une fossem as próprias coisas em que acreditamos e os próprios comportamentos que adotamos. Mas não! Há muito mais: o nosso princípio de unidade é o Espírito Santo. E a primeira coisa que Ele nos lembra é que somos *filhos amados de Deus*; nisto, todos iguais e, todavia, somos todos diferentes. O Espírito vem a nós, com todas as nossas diversidades e misérias, para nos dizer que temos um só e mesmo Senhor, Jesus, um só e mesmo Pai; por isso, somos irmãos e irmãs. Partamos daqui! Olhemos a Igreja to-



Na solenidade de Pentecostes o Pontífice celebrou a missa na basílica de São Pedro

O Espírito cura-nos da carestia de esperança

mo faz o Espírito, não como faz o mundo. O mundo vê-nos de direita e de esquerda, com esta ideologia, com aquela; o Espírito vê-nos do Pai e de Jesus. O mundo vê conservadores e progressistas; o Espírito vê filhos de Deus. O olhar do mundo vê estruturas, que se devem tornar mais eficientes; o olhar espiritual vê irmãs e irmãos implorando misericórdia. O Espírito ama-nos e conhece o lugar de cada um no todo: para Ele não somos papelinhos coloridos levados pelo vento, mas ladrilhos insubstituíveis do seu mosaico.

Tornamos ao dia de Pentecostes e descobrimos a primeira obra da Igreja: o *anúncio*. Vemos, porém, que os Apóstolos não preparam uma estratégia; quando estavam fechados lá, no Cenáculo, não montavam a estratégia, não; não preparavam um plano pastoral. Teriam podido dividir as pessoas por grupos segundo os vários povos, falar primeiro aos de perto e depois aos que eram de longe, tudo bem ordenado... Teriam podido também temporizar um pouco no anúncio e, entretanto, aprofundar os ensinamentos de Jesus, para evitar riscos... Mas não! O Espírito não quer que a recordação do Mestre seja cultivada em grupos fechados, em cenáculos onde tendemos a «fazer o ninho». E esta é uma doença má que pode vir à Igreja: uma Igreja não comunidade, nem família, nem mãe, mas ninho. O Espírito abre, relança, impele para além do que já foi dito e feito, Ele impele para além dos recintos duma fé tímida e cautelosa. No mundo, sem uma estrutura compacta e uma estratégia calculada é um fracasso. Na Igreja, ao contrário, o Espírito assegura ao arauto a unidade. E os Apóstolos partem: sem preparação, lançam-se, saem. Anima-os um único desejo: *dar o que receberam*. Como é belo aquele princípio da Primeira Carta de João: aquilo que nós recebemos e vimos, damos a vós (cf. 1, 3)!

Finalmente chegamos a compreender qual é o segredo da unidade, o segredo do Espírito. O segredo da unidade da Igreja, o segredo do Espírito é o *dom*. Porque Ele é dom, vive doando-Se e, assim, nos mantém unidos, fazendo-nos participantes do mesmo dom. É importante acreditar que Deus é dom, que não se comporta tomando, mas dando. E por que é importante? Porque o nosso modo de ser crentes depende de como entendermos Deus. Se tivermos em mente um Deus que toma, que Se impõe, desejaremos também nós tomar e impor-nos: ocupar espaços, reivindicar importância, procurar poder. Mas, se tivermos no coração que Deus é dom, muda tudo. Se nos dermos conta de que aquilo que somos é dom d'Ele, dom gratuito e imerecido, então também nós quereremos fazer da própria vida um dom. E amando humildemente, servindo gratuitamente e com alegria, ofereceremos ao mundo a verdadeira imagem de Deus. O Espírito, *memória viva da Igreja*, lembra-nos que nascemos de um dom e crescemos doando-nos; não poupando-nos, mas dando-nos.

Queridos irmãos e irmãs, olhemos no íntimo de nós mesmos e perguntemo-nos o que é que impede de nos darmos. Há – por assim dizer – três inimigos do dom; os principais são três, sempre deitados à porta do coração: o narcisismo, a vitimização e o pessimismo. O *narcisismo* leva a idolatrar-me a mim mesmo, a comprar-me apenas com o lucro próprio. O narcista pensa: «A vida é boa, se eu ganho com ela». E assim chega a dizer: «Por que deveria eu doar-me aos outros?» Nesta pandemia, faz um mal imenso o narcisismo, o debruçar-se apenas sobre as próprias carências, insensível às dos outros, o não admitir as próprias fragilidades e erros. Mas o segundo inimigo, a *vitimização*, também é perigoso. A vítima lamenta-se todos os

dias do seu próximo: «Ninguém me compreende, ninguém me ajuda, ninguém me quer bem, estão todos contra mim!» Quantas vezes ouvimos estas lamentações! E o seu coração fecha-se, enquanto se interroga: «Por que não se doam a mim os outros?» No drama que vivemos, como é má a vitimização! Como é mau pensar que ninguém nos compreende e sente aquilo que sentimos nós! Isto é o fazer a vítima. Por fim, temos o *pessimismo*. Neste caso, a ladinha diária é: «Nada vai bem, a sociedade, a política, a Igreja...» O pessimista insurge-se contra o mundo, mas fica inerte e pensa: «Assim para que serve doar-se? É inútil». Agora, no grande esforço de recomeçar, como é prejudicial o pessimismo, ver tudo negro, repetir que nada voltará a ser como antes! Pensando assim, aquilo que seguramente não volta é a esperança. Nestes três – o ídolo narcisista do espelho, o deus-espelho; o deus-lamentação: «sintome alguém nas lamentações»; e o deus-negatividade: «é tudo negro, é tudo escuro» – encontramos na *carestia da esperança* e precisamos de apreciar o dom da vida, o dom que é cada um de nós. Por isso, necessitamos do Espírito Santo, dom de Deus que nos cura do narcisismo, da vitimização e do pessimismo; cura do espelho, das lamentações e da escuridão.

Irmãos e irmãs, peçamo-lo: Espírito Santo, memória de Deus, reavivai em nós a lembrança do dom recebido. Libertai-nos das paralisias do egoísmo e acendei em nós o desejo de servir, de fazer bem. Porque pior do que esta crise, só o drama de a desperdiçar fechando-nos em nós mesmos. Vinde, Espírito Santo! Vós que sois harmonia, tornai-nos construtores de unidade; Vós que sempre Vos doais, dai-nos a coragem de sair de nós mesmos, de nos amar e ajudar, para nos tornarmos uma única família. Amen.

Ao ritmo do mais frágil

Audiência a Athletica Vaticana, pessoas deficientes, migrantes e presos

Na manhã de 20 de maio o Papa recebeu, na Biblioteca particular, os representantes dos atletas que deveriam ter participado no meeting «We Run Together – Simul Currebant», organizado pela Athletica Vaticana para 21 de maio – mas que foi adiado devido à pandemia – juntamente com as “Chamas amarelas”, o Pátio dos gentios e a Federação italiana de atletismo do Lácio. A iniciativa desportiva e de solidariedade, com forte caráter de inclusão concreta das pessoas mais frágeis, foi apresentada ao Papa pelo cardeal Gianfranco Ravasi, presidente do pontifício Conselho para a cultura, dicastério ao qual a Secretaria de Estado confiou a Athletica Vaticana. A seguir, o discurso improvisado pelo Pontífice.

Agradeço a todos vós o trabalho que desempenhais: cada um faz algo pela comunidade, pelos outros. É esta é a alegria, não é verdade? A alegria de fazer algo pelos outros. E depois, como resultado, recebe-se dos outros. Mas o que o Cardeal mencionou, a alegria de dar, de oferecer, de oferecer a beleza do desporto, a possibilidade de cada um: oferecer algo que tenho, para a alegria e a felicidade dos outros. E isto é bom, é uma atitude humana, criativa. E as pessoas oferecem até a vida pelos outros: as mães pelos filhos, os pais pelos filhos, e muitos outros... Dar aos outros algo que é meu. E vós dais aos outros a beleza, a beleza do desporto. Isto é importante: compreender como dar a beleza. Isto ajuda, pois o que fazeis não é um exercício,

digamos assim, de prática de velocidade ou de jogos, não! Isto é verdade, mas há mais. É dar aos outros. O lema da associação é muito importante: não estais separados dos outros, “*You run together*”, correis juntos, juntos!

E há sempre uma atitude que encontramos no trecho do Evangelho, dos dois discípulos que correram ao sepulcro de Jesus, na manhã da Ressurreição (cf. *Jô 20, 3-6*). O mais novo [João] chega primeiro, e o mais velho [Pedro] fica para trás. Mas há sempre o respeito de esperar o outro. E existe uma antiga regra medieval para os peregrinos, para quem fazia peregrinações a santuários na Idade Média – ainda hoje, pensemos por exemplo em Santiago de



Compostela – uma regra que diz: é preciso caminhar ao ritmo do mais fraco, daquele que caminha mais devagar. “Não, eu vou primeiro...”. Não. É preciso ir ao ritmo. Como fez João: sim, chegou primeiro, mas aguardou o outro. É algo muito bom que, como humanidade, devemos aprender: ir ao ritmo das pes-

soas que têm outro passo, ou pelo menos considerá-las e integrá-las no nosso ritmo. Obrigado, obrigado por tudo isto! E agora gostaria de fazer um... sejamos francos: um discurso. Assim, a todas as associações, a todos vós, para que permaneça como uma mensagem a todos os presentes neste encontro convosco.

Mensagem em vídeo a todos os desportivos para apoiar a iniciativa a favor de médicos e enfermeiros

A corrida da vida

Para apoiar a iniciativa de beneficência promovida pelos atletas do encontro “We Run Together – Simul Currebant” a favor dos profissionais de saúde dos hospitais de Bergamo e Brescia (Itália), o Papa Francisco transmitiu uma mensagem a todo o mundo desportivo, oferecendo um dom pessoal. Eis o texto lido pelo Papa durante a audiência.

Prezados amigos e amigas desportivos!

Amanhã, 21 de maio, ter-se-ia realizado em Castel Porziano o encontro internacional de atletismo “We Run Together – Simul Currebant”. Campeões olímpicos teriam corrido – pela primeira vez – com atletas paraolímpicos, atletas com deficiência mental e com refugiados, migrantes e prisioneiros, que seriam também juizes da competição. Todos juntos e com igual dignidade. Um testemunho concreto do modo como o desporto deveria ser: isto é, uma “ponte” que une mulheres e homens de diferentes religiões e culturas, promovendo inclusão, amizade, solidariedade e educação. Ou seja, uma “ponte” de paz.

Amanhã não se poderá correr com as pernas, mas poder-se-á correr com o coração. A “alma” deste Encontro inclusivo é solidária: correr juntos. E assim os numerosos atletas que aderiram – e que, com prazer, eu teria encontrado pessoalmente – colocarão à disposição alguns objetos e experiências desportivas para uma iniciativa de beneficência. Toda a receita será destinada aos profissio-



Uma iniciativa inclusiva de Athletica Vaticana (Praça Navona, 13 de outubro de 2019)

nais de saúde dos Hospitais “Papa João XXIII” de Bergamo e da “Fondazione Poliambulanza” de Brescia, ambos símbolos da luta contra a pandemia que atingiu o planeta inteiro. Trata-se de uma iniciativa para ajudar e agradecer às enfermeiras,

aos enfermeiros e ao pessoal hospitalar. São heróis! Todos eles vivem a sua profissão como uma vocação, heroicamente, arriscando a própria vida para salvar os outros. Jesus disse: «Ninguém tem maior amor do

que aquele que dá a sua vida pelos outros» (cf. *Jô 15, 13*).

Estou feliz que esta iniciativa seja promovida por *Athletica Vaticana*, uma realidade que dá testemunho concreto, nas ruas e no meio das pessoas, da solidariedade do desporto. O primeiro gesto de *Athletica Vaticana* consistiu em acolher como atletas “honorários” alguns jovens migrantes e uma menina com uma grave doença neurodegenerativa. Hoje vieram aqui para me encontrar.

Com *Athletica Vaticana*, colaboram para esta iniciativa as “Chamas Amarelas”, o Grupo Desportivo da Polícia Fiscal e o “Pátio dos Gentios”, estrutura do Pontifício Conselho para a Cultura que promove o encontro e o diálogo entre crentes e não-crentes. Todos demonstraram sempre uma sensibilidade particular pelas necessidades reais das pessoas: em especial pelas famílias assistidas pelo Dispensário pediátrico Santa Marta, ativo aqui no Vaticano há quase cem anos. Além deles, neste projeto desportivo inclusivo e para todos, colabora também o Comité Regional da Federação italiana de atletismo do Lácio.

Encorajo-vos, caras amigas e amigos atletas, a viver cada vez mais a vossa paixão como uma experiência de unidade e solidariedade. Precisamente os verdadeiros valores do desporto são deveras importantes para enfrentar este tempo de pandemia e, acima de tudo, o difícil reinício. É com este espírito que vos convido a correr, juntos, a corrida da vida. Obrigado por tudo o que fazeis!

CATEQUESE

Sobre o valor da oração dos justos

Barreira poderosa face à inundação do mal

A oração é “a barreira” e “o refúgio do homem diante da inundação do mal que cresce no mundo”, salientou o Papa Francisco na audiência geral de quarta-feira, 27 de maio, na biblioteca particular do Palácio Apostólico do Vaticano, sem a presença dos fiéis, devido às medidas de distanciamento para conter a pandemia. Continuando o ciclo de catequeses iniciado no dia 6, o Papa centrou a sua meditação na “oração dos justos”.

Bom dia, queridos irmãos e irmãs!

Dedicamos a catequese de hoje à *oração dos justos*.

O desígnio de Deus para a humanidade é bom, mas na nossa vida quotidiana experimentamos a presença do mal: é uma experiência de todos os dias. Os primeiros capítulos do livro do Génesis descrevem a dilatação progressiva do pecado nas vicissitudes humanas. Adão e Eva (cf. Gn 3, 1-7) duvidam das intenções benévolas de Deus, pois pensam que têm a ver com uma divindade invejosa que impede a sua felicidade. Por isso, a rebelião: já não acreditam num Criador generoso que deseja a felicidade deles. Cedendo à tentação do maligno, o seu coração é arrebatado por delírios de onipotência: «Se comeremos o fruto da árvore, tornar-nos-emos como Deus» (cf. v. 5). E esta é a tentação: esta é a ambição que entra no coração. Mas a experiência vai na direção oposta: os seus olhos abrem-se e descobrem que estão nus (cf. v. 7), sem nada. Não vos esqueçais disto: o tentador é um mau pagador, ele paga mal.

O mal torna-se ainda mais agressivo com a segunda geração humana, é mais forte: é a história de Caim e Abel (cf. Gn 4, 1-16). Caim tem inveja do irmão: há o verme da inveja; embora ele seja o primogénito, vê Abel como um rival, alguém que ameaça a sua primazia. O mal insinua-se no seu coração e Caim não consegue dominá-lo. O mal começa a entrar no coração: os pensamentos são sempre de julgar mal o outro, com suspeita. É isto acontece também com o pensamento: «Ele é malvado, irá ferir-me». E este pensamento começa a entrar no coração... E assim a história da primeira fraternidade acaba com um homicídio. Hoje penso na fraternidade humana... guerras em toda a parte.

Na descendência de Caim desenvolvem-se as profissões e a arte, mas também a violência, expressa pelo cântico sinistro de Lamec, que ressoa como um hino de vingança: «Por uma ferida matei um homem, e por uma contusão um menino [...] Se Caim será vingado sete vezes, Lamec sê-lo-á setenta vezes sete» (Gn 4, 23-24). Vingança: «Vais pagar pelo que fizeste!». Mas quem o diz não é o juiz, sou eu. E arvore-me em juiz da situação. E assim o mal alastra-se como mancha de óleo, até ocupar todo o quadro: «O Senhor viu que a maldade dos homens era grande na terra, e que todos os pensamentos do seu coração estavam continuamente voltados para o mal» (Gn 6, 5). Os grandes afrescos do dilúvio universal (caps. 6-7) e da torre de Babel (cap. 11) revelam que há necessidade de um novo começo, como que de uma nova criação, que terá o seu cumprimento em Jesus Cristo.

E no entanto, nestas primeiras páginas da Bíblia está escrita também outra história, menos vistosa, muito mais humilde e devota, que representa o resgate da esperança. Não obstante quase todos se comportem de forma cruel, fazendo do ódio e da conquista o grande motor da existência humana, há pessoas capazes de orar a Deus com sinceridade, capazes de escrever o destino da humanidade de uma maneira diferente. Abel oferece a Deus um sacrifício de primícias. Após a sua morte, Adão e Eva tiveram um terceiro filho, Set, de quem nasceu Enós (que significa “mortal”), e diz-se: «É a partir de então, o nome do Senhor começou a ser invocado» (4, 26). Em seguida surge Enoc, personagem que “caminha com Deus” e que é arrebatado ao céu (cf. 5, 22, 24). E, por fim, há a história de Noé, um homem justo que «andava com Deus» (6, 9), diante do qual Deus suspende o seu propósito de eliminar a humanidade (cf. 6, 7-8).

lendo estas narrações, tem-se a impressão de que a oração é a barreira, o refúgio do homem perante a inundação do mal que cresce no mundo. Considerando bem, oramos também para nos salvarmos de nós próprios. É importante rezar: «Senhor, por favor, salva-me de mim mesmo, das minhas ambições, das minhas paixões». Os orantes das primeiras páginas da Bíblia são homens artífices de paz: com efeito, quando é autêntica, a



oração é livre dos instintos de violência e é um olhar dirigido a Deus, a fim de que Ele volte a cuidar do coração do homem. No Catecismo lê-se: «Esta qualidade da oração é vivida por uma multidão de justos em todas as religiões» (CIC, n. 2.569). A oração cultiva jardins de renascimento em lugares onde o ódio do homem só foi capaz de alastrar do deserto. E a oração é poderosa, porque atrai o poder de Deus, e o poder de Deus dá sempre vida: sempre! É o Deus da vida, e faz renascer!

É por isso que o senhorio de Deus passa através da cadeia destes homens e mulheres, muitas vezes mal compreendidos ou até marginalizados no mundo. Mas o mundo vive e cresce graças à força de Deus, que estes seus servos atraem mediante as suas preces. Não são uma cadeia barulhenta, raramente são notícia, mas contudo são muito importantes para restituir confiança ao mundo! Lembro-me da história de um homem: um importante chefe de governo, não desta época, do passado. Um ateu sem sentido religioso no coração, mas quando era criança ouvia a sua avó rezar, e isto permaneceu no seu coração. E num momento difícil da sua vida, aquela recordação voltou ao seu coração e ele disse: “Mas a avó rezava...”. Assim, começou a orar com as fórmulas da avó e ali encontrou Jesus. A oração é uma corrente de vida, sempre: muitos homens e mulheres que rezam, semeiam vida. A oração, a pequena oração, semeia vida: por isso é tão importante ensinar as crianças a rezar. Dói encontrar crianças que não sabem fazer o sinal da cruz. É preciso ensiná-las a fazer bem o sinal da cruz, porque esta é a primeira oração. É importante que as crianças aprendam a orar. Depois, talvez possam esquecer, seguir outro caminho; mas as primeiras preces aprendidas quando são crianças permanecem no coração, porque

constituem uma semente de vida, a semente do diálogo com Deus.

O caminho de Deus na história de Deus passou através deles: passou por um “resto” da humanidade que não se conformou com a lei do mais forte, mas pediu a Deus que realizasse os seus milagres e, sobretudo, que transformasse o nosso coração de pedra em coração de carne (cf. Ez 36, 26). E isto ajuda a oração: pois a oração abre a porta a Deus, transformando o nosso coração muitas vezes de pedra num coração humano. E é necessária tanta humanidade, pois ora-se bem com a humanidade.

No final da catequese o Santo Padre saudou em diversas línguas os fiéis que o seguiam através dos meios de comunicação, entre os quais os de expressão portuguesa.

Saúdo os ouvintes de língua portuguesa, recordando-vos que a oração abre a porta da nossa vida a Deus. E Deus ensina-nos a sair de nós mesmos para ir ao encontro dos outros mergulhados na prova, dando-lhes consolação, esperança e apoio. De coração, vos abençoo em nome do Senhor!

Saúdo os fiéis de expressão árabe que acompanham esta reunião através dos meios de comunicação social. A oração não muda Deus, mas nós mesmos, tornando-nos mais dóceis à sua santa vontade. A oração faz-nos entrar lentamente na luz divina que purifica o nosso coração de todas as trevas. O Senhor abençoe todos vós e vos proteja sempre de todo o mal!

Dirijo o meu pensamento aos idosos, aos jovens, aos enfermos e aos recém-casados. No clima de preparação para a iminente Solenidade de Pentecostes, exorto-vos a ser sempre dóceis à ação do Espírito Santo, a fim de que a vossa vida seja sempre animada e iluminada pelo amor que o Espírito de Deus derrama nos corações. A todos vós a minha bênção!

PÓS-PANDEMIA

«Para quem é responsável a pergunta última não é: como me desenrasco heroicamente nesta situação, mas: qual poderá ser a vida da geração vindoura»
(D. Bonhoeffer)

Entrevista ao Secretário-Geral das Nações Unidas António Guterres

As ameaças globais exigem uma nova solidariedade

Profunda gratidão ao Papa Francisco pelo seu apoio a um cessar-fogo mundial

ANDREA MONDA

«A pandemia deve ser uma campanha de alarme. As ameaças globais mortais exigem uma nova unidade e solidariedade». Afirmou o Secretário-Geral das Nações Unidas, António Guterres nesta entrevista exclusiva aos media do Vaticano.

Recentemente o senhor lançou um apelo à paz no mundo atingido pela pandemia. Uma iniciativa que mais uma vez se associa à do Papa Francisco — com o qual se encontrou no Vaticano no final do ano passado e transmitiu uma mensagem de vídeo — que nunca deixa de apelar pelo fim de todas as guerras. O senhor disse: a fúria do vírus ilustra a loucura da guerra. Na sua opinião, por que é difícil fazer passar esta mensagem?

Antes de mais, gostaria de reiterar a minha profunda gratidão ao Papa Francisco pelo seu apoio ao meu apelo global a um cessar-fogo e ao trabalho das Nações Unidas. O seu compromisso global, a sua compaixão e os seus apelos à unidade reafirmam os valores fundamentais que norteiam o nosso trabalho: reduzir o sofrimento humano e promover a dignidade humana.

Quando solicitei um cessar-fogo, a minha mensagem às partes envolvidas em conflitos no mundo inteiro foi simples: os combates devem cessar para que possamos concentrar-nos no nosso inimigo comum, a Covid-19.

Até agora, o apelo recebeu o apoio de 115 governos, organizações regionais, mais de 200 grupos da sociedade civil e outros líderes religiosos. Dezasseis grupos armados comprometeram-se a pôr termo à violência. Além disso, milhões de pessoas assinaram online um pedido de apoio.

Mas a desconfiança continua a ser grande e é difícil traduzir estes compromissos em ações que façam a diferença na vida das pessoas atingidas pelo conflito.

Os meus representantes e enviados especiais estão a trabalhar incansavelmente em todo o mundo, com a minha participação direta quando é necessária, para transformar as intenções expressas em cessar-fogos concretos.

Continuo a exortar as partes em conflito, e todos aqueles que podem influenciá-las, a colocarem a saúde e a segurança das pessoas em primeiro lugar.

Gostaria também de mencionar outro apelo que fiz e que considero essencial: um apelo à paz domesti-



«Não uma vacina ou curas para um país ou região ou para metade do mundo, mas uma vacina e curas acessíveis, seguras, universalmente disponíveis e eficazes para todos. Esta vacina deve ser a vacina do povo»

ca. Em todo o mundo, com a propagação da pandemia, assistimos inclusive a um aumento preocupante da violência contra as mulheres e as jovens.

Pedi aos governos, à sociedade civil e a quantos no mundo podem ajudar, que se mobilizem para melhor proteger as mulheres. Pedi também aos líderes religiosos de todos os credos que condenem inequivocamente todos os atos de violência contra mulheres e jovens, e defendam os princípios fundamentais da igualdade.

Há alguns meses, muito antes do surto da pandemia, o senhor falou do medo como se fosse a mercadoria mais fácil de vender. Trata-se de uma questão que agora, nas últimas semanas, corre o risco de ser ainda mais amplificada. Como pensa contrastar, so-

bretno neste período difícil, o sentimento de medo que se difunde entre as pessoas?

A pandemia de Covid-19 não é apenas uma emergência de saúde global.

Nas últimas semanas, tem havido um aumento das teorias da conspiração e dos sentimentos xenófobos. Em alguns casos, foram atacados jornalistas, profissionais da saúde ou defensores dos direitos humanos apenas por desempenharem o seu trabalho.

Desde o início desta crise, tenho apelado à solidariedade entre sociedades e países. A nossa resposta deve basear-se nos direitos humanos e na dignidade humana.

Exortei igualmente as instituições educativas a concentrarem-se no alfabetismo digital e exortei a mídia, especialmente as sociedades

de informação, a fazerem muito mais para denunciar e eliminar conteúdos racistas, misóginos ou danosos, em conformidade com o direito internacional em matéria de direitos humanos.

Os líderes religiosos têm um papel crucial a desempenhar na promoção do respeito recíproco nas suas comunidades e não só. Ocupam uma posição adequada para desafiar mensagens inexactas e prejudiciais e para encorajar todas as comunidades a promover a não-violência e a rejeitar a xenofobia, o racismo e qualquer forma de intolerância.

O medo é certamente alimentado pelas falsas notícias das quais de recente o senhor denunciou uma propagação crescente. Como podemos combater a desinformação sem correr o risco de, em nome desta batalha, ofuscar direitos e liberdades fundamentais?

As pessoas no mundo querem saber o que fazer e a quem se dirigir para obter conselhos. Em vez disso, são obrigadas a gerir uma epidemia de desinformação que, se correr mal, pode pôr vidas em perigo.

Presto homenagem aos jornalistas e a quantos controlam a informação, face à grande quantidade de histórias e postes enganosos publicados nas redes sociais.

Em apoio deste compromisso, lancei uma iniciativa das Nações Unidas em resposta às comunicações, denominadas Verified, que visam fornecer às pessoas informações precisas e baseadas em factos, encorajando simultaneamente soluções e solidariedade à medida que passamos da crise para a retomada.

Os líderes religiosos também têm um papel a desempenhar, utilizando as suas redes e capacidades de comunicação para apoiar os governos na promoção das medidas de saúde pública recomendadas pela Organização Mundial da Saúde — do distanciamento físico à boa higiene — e para desmentir informações e boatos falsos.

Entre as informações infundadas que chegam diariamente ao público encontram-se, nestes dias, muitas críticas às agências da Onu, como por exemplo à Organização Mundial da Saúde (Oms). Qual é a sua opinião sobre isto?

Ao lamentarmos as vidas perdidas devido ao vírus, ficamos angustiados porque haverá muitas mais, especialmente em lugares menos capazes de fazer face a uma pandemia.



O Papa Francisco com o Secretário-Geral da Onu durante a audiência de 20 de dezembro de 2019

Olhando para trás, a evolução da pandemia e a resposta internacional serão essenciais. Mas neste momento a Organização Mundial da Saúde e todo o sistema da Onu correm contra o tempo para salvar vidas.

Estou particularmente preocupado com a falta de solidariedade adequada com os países em vias de desenvolvimento – tanto para lhes proporcionar aquilo de que necessitam para responder à pandemia de Covid-19 como para fazer face ao dramático impacto económico e social sobre os mais pobres do mundo.

A Organização Mundial da Saúde e todo o sistema das Nações Unidas estão plenamente mobilizados para salvar vidas, prevenir a carestia, aliviar a dor e planear a retomada.

Definimos um plano de resposta humanitária global de 7,6 biliões de dólares para as populações mais vulneráveis, incluindo os refugiados e as pessoas deslocadas internamente. Até agora, os doadores ofereceram quase um bilhão de dólares e eu continuo a enviar esforços para assegurar que este plano seja totalmente financiado.

As nossas equipas estão a trabalhar em diferentes países, em coordenação com os governos, para mobilizar financiamentos, ajudar os ministérios da saúde a estarem preparados e apoiar medidas económicas e sociais, desde a segurança alimentar e a educação a partir de casa até às transferências monetárias e muito mais.

As nossas operações de paz continuam a cumprir os seus importantes mandatos de proteção e a apoiar os processos de paz e políticos.

As redes de distribuição da Onu foram disponibilizadas aos países em vias de desenvolvimento, com milhões de kits para testes, respiradores e máscaras cirúrgicas que chegam agora a mais de uma centena de países. Organizámos voos solidários para levar mais fornecimentos e operadores a dezenas de países da África, Ásia e América Latina.

E, desde o início, mobilizei as competências de que a família das Nações Unidas dispõe para forne-

cer uma série de relatórios e informações políticas a fim de oferecer análises e conselhos para proporcionar uma resposta eficaz e coordenada por parte da comunidade internacional.

(<https://www.un.org/en/coronavirus/un-secretary-general>)

Vivemos numa época em que os ataques ao multilateralismo se multiplicam. É necessário, na sua opinião, reforçar a confiança nas instituições internacionais? E como se pode fazer isto?

A colaboração e a contribuição de todos os Estados – incluindo os mais poderosos – é essencial não só para combater a Covid-19, mas também para enfrentar os desafios da paz e da segurança que se apresentam. São também essenciais para ajudar a criar as condições para uma retomada efetiva no mundo desenvolvido e em vias de desenvolvimento.

O vírus demonstrou a nossa fragilidade global. E esta fragilidade não se limita aos nossos sistemas de saúde. Atinge todas as áreas do nosso mundo e das nossas instituições.

A fragilidade dos esforços globais coordenados é salientada pela nossa incapacidade de responder à crise climática, pelo risco crescente de proliferação nuclear, pela nossa incapacidade de nos reunirmos para melhor regular a rede.

A pandemia deve ser uma campanha de alarme. As ameaças globais mortais exigem uma nova unidade e solidariedade.

O senhor congratulou-se publicamente com a iniciativa europeia de desenvolver a vacina contra a Covid-19. No entanto, precisamente a descoberta da vacina pode fazer nascer em alguns a tentação de ocupar uma posição dominante no seio da comunidade internacional. Como se pode evitar este perigo? E como fazer com que, antes da vacina estar disponível, sejam experimentados os tratamentos que se revelem eficazes?

Num mundo interligado, ninguém está seguro enquanto não o estiverem todos.

Esta foi, em resumo, a essência da minha mensagem no lançamen-

to do “ACT Accelerator” – ou seja, colaboração global para acelerar o desenvolvimento, produção e acesso equitativo a novos diagnósticos, terapias e vacinas para a Covid-19.

Deve ser considerada um bem público. Não uma vacina ou curas para um país, uma região ou para metade do mundo – mas uma vacina e curas acessíveis, seguras, eficazes, facilmente administráveis e universalmente disponíveis para todos, em toda a parte. Esta vacina deve ser a vacina do povo.

Como pode acontecer que na luta contra o vírus existam países de primeira e de segunda categoria? Contudo, corre-se o risco de que a pande-

emergência para um primeiro grupo de países em vias de desenvolvimento. O Banco Mundial indicou que, com os recursos novos e existentes, pode conceder um financiamento de 160 biliões de dólares nos próximos 15 meses. O G20 apoiou a suspensão dos pagamentos da dívida dos países mais pobres.

Aprecio plenamente estas medidas, que podem proteger as pessoas, o emprego e trazer benefícios para o desenvolvimento. Contudo, não é suficiente e será importante considerar medidas adicionais, incluindo a redução da dívida, para evitar crises financeiras e económicas prolongadas.

Há quem diga que depois da pandemia o mundo não voltará a ser o mesmo. Qual poderá ser o futuro das Nações Unidas no mundo de amanhã?

A retomada da pandemia oferece oportunidades para conduzir o mundo por um caminho mais seguro, mais saudável, sustentável e inclusivo.

As desigualdades e lacunas na proteção social que surgiram de uma forma tão dolorosa deverão ser enfrentadas. Teremos também a oportunidade de colocar em primeiro plano as mulheres e a igualdade de género para ajudar a construir uma resiliência a futuros choques.

«A pandemia de Covid-19 não é apenas uma emergência de saúde global. Nas últimas semanas houve um aumento das teorias da conspiração e dos sentimentos xenófobos. Nalguns casos foram atacados jornalistas, agentes da saúde ou defensores dos direitos humanos unicamente por terem desempenhado o seu trabalho»

...mia aumente no mundo o fosso entre ricos e pobres. Como se pode evitar isto?

A pandemia está a trazer à luz desigualdades em todo o mundo. Desigualdades económicas, no acesso aos serviços de saúde e muito mais.

O número de pessoas pobres poderá aumentar para 500 milhões – o primeiro aumento em trinta anos.

Não podemos permitir que isto aconteça e, por conseguinte, continuo a apelar a um pacote global de ajudas que tenha o valor de pelo menos 10% da economia mundial.

Os países mais desenvolvidos podem fazê-lo com os próprios recursos, e alguns já começaram a aplicar essas medidas. Mas os países em vias de desenvolvimento precisam de um apoio substancial e urgente.

O Fundo Monetário Internacional já aprovou o financiamento de

A retomada também deve caminhar ao lado da ação pelo clima.

Pedi aos governos para assegurarem que os fundos destinados a revitalizar a economia sejam utilizados para investir no futuro, e não no passado.

O dinheiro dos contribuintes deve ser utilizado para acelerar a descarbonização de todos os aspetos da nossa economia e dar prioridade à criação de empregos verdes. Chegou o momento de impor uma taxa sobre o carvão e obrigar os poluidores a pagar pela sua poluição. As instituições financeiras e os investidores devem ter plenamente em conta os riscos climáticos.

Os objetivos do desenvolvimento sustentável e o Acordo de Paris sobre as mudanças climáticas continuam a ser o nosso modelo.

Chegou o momento de sermos determinados. Determinados a derrotar a Covid-19 e a sair da crise, construindo um mundo melhor para todos.

DEDICADO À COMUNICAÇÃO E ÀS RELAÇÕES HUMANAS O NOVO VOLUME DA COLEÇÃO «TROCA DE DONS»

Texto inédito do Papa Francisco

Com o olhar de Jesus

Quando estava a caminho, um homem correu ao seu encontro e, lançando-se de joelhos diante dele, perguntou-lhe: «Bom Mestre, que hei de fazer para alcançar a vida eterna?». Jesus respondeu-lhe: «Por que me chamas bom? Só Deus é bom. Conheces os mandamentos: não matarás, não cometerás adultério, não roubarás, não darás falso testemunho, não cometerás fraudes, honrarás o teu pai e a tua mãe». Então, ele retorquiu: «Mestre, tenho observado tudo isto desde a minha mocidade». Então, fixando-o, Jesus amou-o e disse-lhe: «Só te falta uma coisa: vai, vende tudo o que

tens, dá o dinheiro aos pobres, e terá um tesouro no céu; depois, vem e segue-me!». Mas diante destas palavras ele entristeceu-se e foi-se embora pesaroso, pois possuía muitos bens. Jesus olhou ao seu redor e disse aos discípulos: «Quão dificilmente entrarão os ricos no Reino de Deus!». Os discípulos ficaram assombrados com as suas palavras; mas Jesus replicou: «Filhos, como é difícil entrar no Reino de Deus! É mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no Reino de Deus». Ainda mais admirados, diziam uns aos outros: «Então, quem pode salvar-se?». Mas Jesus olhando para

eles, disse: «Aos homens isto é impossível, mas não a Deus; pois a Deus tudo é possível» (Mc 10, 17-27). Os três Evangelhos sinóticos relatam o episódio do "jovem rico", daquele homem (na realidade, da leitura dos textos não se deduz a idade exata) que pergunta a Jesus o que deve fazer para alcançar a vida eterna. Este breve diálogo contém um detalhe narrado apenas pelo Evangelho de Marcos; no meio da conversa, entre uma pergunta e uma resposta, o evangelista escreve que «fixando-o, Jesus amou-o» (Mc 10, 21). Um pormenor que me parece decisivo. Um detalhe que diz muito sobre o estilo de Jesus, sobre aquele estilo que é "essência", "substância" e nos indica um caminho para viver no mundo como homens autênticos. Ser homem significa comunicar, entrar em contacto com o mundo e com os outros, construir relações.

Enquanto os dois falam, Jesus não pensa simplesmente no que quer dizer ao seu interlocutor, mas pensa nele, em quem está à sua frente, aliás, ainda antes de pensar, olha para ele, fita-o com amor. Jesus mostrou este estilo não só ao jovem rico, mas a todas as pessoas com as quais se encontrou. No fundo, o Evangelho é (também) a narração dos muitos encontros que Jesus teve ao longo do seu caminho pelas estradas da Palestina. Em certos casos é fácil imaginar que aconteceu aquele "fixando-o, amou-o", mesmo quando não é dito explicitamente, também nos outros encontros de Jesus; pensemos na vocação de Mateus (fixado com um olhar de eleição e, ao mesmo tempo, de misericórdia), no diálogo noturno com Nicodemos, ou com a samaritana perto do poço de Jacob, e talvez até nos mais rápidos, com a cananeia e com Zaqueu. Sem dúvida, aquele olhar é o mesmo com que Jesus oferece a sua face a Judas, chamando-lhe "amigo", o mesmo olhar com que fita Pedro quando o galo canta e, embora tenhamos dificuldade de o entender, é o mesmo olhar com que observa em silêncio o espetáculo miserável do rei Herodes, que espera dele um gesto milagroso antes de o mandar, desapontado, ir ter com Pilatos. Também no diálogo com o procurador romano, Jesus te-lo-á fixado com amor.

A fé cristã baseia-se nesta simples afirmação: Jesus é de natureza divina e Deus é amor. Este fundamento determina uma série de consequências e altera a maneira do cristão de estar no mundo. Sem

aquele olhar de amor a comunicação humana, o diálogo entre as pessoas pode facilmente tornar-se apenas um duelo dialético, mas aquele olhar revela que em jogo há outra questão, vertiginosa, que no centro não tem o mérito da discussão mas muito mais, o próprio sentido da existência, minha e do meu interlocutor.

É interessante o termo que o evangelista usa: "fixou-o", um verbo que supõe uma atitude contemplativa que por sua vez requer uma dilatação temporal, uma pausa do momento, quase para subtrair cada um dos seus instantes. Sobreretudo nas sociedades ocidentais o verbo "fixar", a atitude contemplativa parece já não ter cidadania, pois desapareceu da paisagem diária, da vida de todos os dias. Ninguém fixa ninguém, aliás, quando isto acontece desencadeiam-se automaticamente uma sensação de mal-estar e uma reação, como se estivéssemos diante de um perigo. Perdemos assim algo, ninguém fita o outro de outro, ninguém "está" perante o outro, detendo por um instante a corrida frenética do tempo a que estamos submetidos. Pensando nesta condição, ao regressar da viagem à Ásia em novembro passado, manifestei a minha esperança de que o Ocidente recuperasse do Oriente o sentido da "poesia", entendendo com esta bonita palavra precisamente o sentido da contemplação, do deter-se e conceder-se um momento de abertura a si próprio e aos outros, no sinal da gratuidade, da pura abnegação. Sem aquele "suplemento" da poesia, sem esse dom, sem a gratuidade, não pode nascer um verdadeiro encontro, nem uma comunicação propriamente humana. Os homens "comunicam" não apenas porque trocam informações, mas porque procuram construir uma comuni-

cação. Portanto, as palavras devem ser como pontes lançadas para aproximar as diferentes posições, para criar um terreno comum, um lugar de encontro, de confronto e de crescimento.

Esta aproximação tem como condição inicial que se esteja disposto a escutar com paciência as posições uns dos outros, pois fixar, olhar, pressupõe aceitar ser fixado, fitado: na comunicação oferecemos uns aos outros.

Sobre este assunto temos muito a aprender da lição do santo cardeal John Henry Newman. A sua reflexão centrou-se particularmente na dimensão da imaginação e na "disposição" do coração, que desempenha um papel mais importante em relação ao da razão, a fim de que um homem possa ser verdadeiramente tocado pela experiência da fé. Newman compreendeu que muitas vezes as pessoas debatiam e acabavam por discutir não por questões relativas ao conteúdo do debate, mas por uma predisposição de maior ou menor abertura ao interlocutor. A sua reflexão não era abstrata, ele partia da experiência de diálogo constante com o seu irmão mais novo, Charles, que se tinha tornado ateu. «Não te encontras no estado de espírito de quem está disposto a ouvir argumentos, sejam eles quais forem», escreve ao irmão que, a seu ver, acaba por cair na incredulidade devido a uma «inapetência do coração, não do intelecto», pois quando se trata de argumentos religiosos, os homens tendem a ver tudo «através da lente de hábitos anteriores». O que era válido para o irmão Charles, hoje vale para a sociedade contemporânea, na qual é difícil encontrar um ateísmo que seja fruto de um estado de espírito de hostilidade aberta ao Evangelho, mas é mais fácil deparar-se com uma indiferen-

ça que brota de uma série de preconceitos e de uma imaginação que permanece ao nível da superficialidade e não se deixa impressionar pela força explosiva dos símbolos e das mensagens do Cristianismo. Se a disposição pessoal é fundamental, então o esforço necessário em cada ocasião de comunicação consiste em vivê-la como um encontro verdadeiro e não superficial, que abra a um diálogo fecundo e generativo, que ponha em movimento um dinamismo capaz de baralhar e transformar as "predisposições", por outras palavras, que se abra à conversão.

É preciso ter coragem. Como tive a oportunidade de dizer a 4 de fevereiro de 2019, no encontro inter-religioso no *Founder's Memorial* de Abu Dhabi, um diálogo eficaz «pressupõe a própria identidade, a que não se deve abdicar para agradar ao outro; mas, ao mesmo tempo, requer a coragem da alteridade, que supõe o pleno reconhecimento do outro e da sua liberdade [...] sem liberdade, já não se é filho da família humana, mas escravo [...]». A coragem da alteridade é a alma do diálogo, que se baseia na sinceridade de intenções [...]. Em tudo isto, é indispensável a oração: esta, ao mesmo tempo que encarna a coragem da alteridade em relação a Deus, na sinceridade da intenção, purifica o coração de se fechar em si mesmo.

Identidade e alteridade existem juntas, e só podem conviver num contexto de coragem, liberdade e oração. A alteridade é vital para a identidade. *Nunca sem o outro*, o título de um bonito ensaio de Michael de Certeau é um belo "lema" que pode distinguir a existência humana que encontra a sua plenitude e o seu significado último no relacionamento. Um coração fechado em si mesmo adoece e "incrusta-se" de resíduos que impedem a sua palpação saudável e vivificante. A relação tem um seu "respiro", que precisa de um ritmo e de oxigénio puro, condições asseguradas somente pela presença do outro. A minha identidade é um ponto de partida, mas sem a alteridade cai no vazio, marcha e corre o risco de morrer. Sem o reconhecimento da alteridade, não só o outro morre, mas também eu próprio. Contudo, o aspeto importante é que para ser "pleno", este reconhecimento deve abrir-se ao reconhecimento da liberdade do outro. Este ponto é crucial. Aqui entramos mais uma vez no coração do Cristianismo. O texto do Evangelho, do qual partimos, vem ainda em socorro, desta



vez que o segundo termo contido naquela frase de poucas palavras: «Fixando-o, amou-o». Jesus não olha para o outro como um "espectáculo", mas como uma pessoa, como um dom, como um ser que Deus quis criar livremente (por amor) e colocar no seu caminho. No seu olhar de amor, já está inserida a dimensão da liberdade. Só se ama na liberdade e só o amor verdadeiro torna e deixa livres os outros. Deste ponto de vista, é iluminante o modo como termina o episódio narrado por Marcos; poderíamos dizer que o final é amargo, que "acaba mal". O interlocutor de Jesus está desiludido, desorientado e vai embora "pesaroso". O evangelista explica também o motivo desta atitude («porque possuía muitos bens»), que se poderia traduzir também da seguinte forma: «Porque não era uma pessoa livre». Como se os bens impedissem o bem: uma vida politeísta sufoca a possibilidade de uma vida plena, "eterna", como pergunta o jovem, que não por acaso enumera todos os mandamentos da lei, que ele respeita sem que isto lhe tenha dado a felicidade pela qual o seu coração está sedento. A liberdade é o núcleo desta vicissitude existencial, os muitos bens não permitem o acesso a uma liberdade autêntica. É precisamente a liberdade o "tempero" essencial para tornar plenamente humana a existência das pessoas na Terra e, por conseguinte, também cada ato de comunicação. Sem liberdade não há verdade, cada relação toma-se ficção, hipocrisia, escorrega na superficialidade ou, pior ainda, na instrumentalização. Aproximo-me do outro para o "usar" e assim acabo por

lhe tirar a liberdade. Ao contrário, é precisamente uma relação baseada no amor que garante a nossa liberdade e a dos outros, não obstante isto signifique expor-se ao risco. Amar significa estar aberto ao risco. Fitando o jovem à sua frente, Jesus não o "esquadrinha" para encontrar os seus pontos fracos, mas contempla-o como se tivesse acabado de sair das mãos criadoras de Deus Pai e está feliz com a sua existência, ama-o, pois, e chama-o a superar todas as prisões e feridas passadas, rumo a um futuro de plenitude, respondendo assim à sua pergunta sobre a possibilidade de uma vida eterna. Neste gesto Jesus expõe-se ao risco, a sua é uma aposta no outro, no homem, e como tal a possibilidade de fracasso é real. Com efeito, o final parece encerrar-se de forma malograda; a palavra de Jesus, a Palavra de Deus, não teve efeito algum, a comunicação entre os dois, vista como uma disputa dialética, não produziu fruto algum, ambos "perderam"; é o "drama da liberdade", usando as palavras de Dostoiévski. Mas não é o fim, intuit-se das palavras posteriores de Jesus: deste drama pode brotar o gesto da oração, da abertura à alteridade de Deus, a quem "nada é impossível". E é interessante que Jesus faça esta afirmação solene, mais uma vez, "fixando o olhar neles".

Possa o olhar de Deus posar sempre sobre a nossa vida e nós, por nossa vez, entrando em relação e comunicando com os outros homens, possamos ter o mesmo olhar de Jesus que nos fixa com os olhos do amor gratuito e generoso, até à oblação total de si mesmo.

Troca mútua de dons

O hífen no meio da palavra ("comunicativo") não é um erro de impressão, mas um sublinhado deliberado. *Diversi e uniti. Com-unico, quindi sono* (Cidade do Vaticano, Lev, 2019, 206 páginas) é um novo volume publicado pela Livraria Editora Vaticana – Diesteario para a comunicação da Santa Sé que tem como tema ocasiões de diálogo "em ação", na sua declinação concreta. O texto faz parte de "Troca de dons", coleção "ecuménica" da editora que recolhe os textos e discursos do Pontífice acompanhados de um texto inédito e de uma introdução geralmente assinada por um representante dos irmãos e irmãs das Igrejas e Comunidades Eclesiais separadas. Da mesma coleção fazem parte o volume *Nostra Madre Terra. Una lettura cristiana della sfida dell'ambiente* (Cidade do Vaticano, Lev, 2019, 144 páginas) que reúne os discursos do Papa sobre o cuidado da criação e é introduzida pelo prefácio do Patriarca Ecuménico de Constantinopla Bartolomeu, e *La preghiera. Il respiro della vita nuova* com o prefácio do Patriarca Kirill de Moscovo (Cidade do Vaticano, Lev, 2019, 208 páginas). O fio vermelho que liga os livros é o ecumenismo dos féis, aquele ecumenismo prático que se manifesta nas iniciativas comuns dos cristãos para a salvaguarda da Criação e da ecologia interior de cada ser humano, que é parte da Criação. *Diversi e uniti* contém o prefácio de Justin Welby, Arcebispo de Cantuária, primaz de toda a Inglaterra e líder mundial da Comunhão Anglicana e as reflexões do Santo Padre sobre as relações humanas: relações entre pessoas criadas à imagem de Deus. "As relações humanas mais bonitas e frutuosas", salienta Justin Welby, "são aquelas que se baseiam no amor de Deus por nós". *Com o olhar de Jesus* é o texto inédito do Papa Francisco, que começa pela história do "jovem rico" "que pergunta a Jesus o que há de fazer para alcançar a vida eterna". Sem o "olhar de amor" de Deus "a comunicação humana – escreve o Papa Francisco – o diálogo entre as pessoas pode facilmente tornar-se apenas um duelo dialético". *Diversi e uniti. Com-unico quindi sono* em breve estará disponível em várias línguas. Os direitos foram vendidos às editoras Romana Editorial (língua espanhola), Catholic Truth Society CTS (língua inglesa para Inglaterra, Irlanda e Austrália), Our Sunday Visitor (língua inglesa para os Estados Unidos), Paulinas Portugal (língua portuguesa), Editora Arquisdoce de Bucareste (língua romena), Editions Salvator (língua francesa) e Kršćanska sadašnjost (língua croata).



O jovem rico numa imagem do filme «O Evangelho segundo Mateus» de Pier Paolo Pasolini (1964)

*Papa Francisco a 27 de março
na praça de São Pedro vazia*

PAOLO RUFFINI

Partilhar é a palavra-chave: é isto que o Papa Francisco, na sua mensagem deste ano, nos convida a fazer: partilhar contando a nossa história, partilhar escutando a história dos outros e tecer, na partilha, uma nova história.

Partilhar entre nós e partilhar com Deus: este é o caminho.

Contarmo-nos a Deus para dar a cada história um sentido, um dinamismo, uma perspetiva de redenção.

Há uma passagem muito bonita na mensagem.

Aquela em que o Papa diz: «A Ele (ao Senhor) podemos narrar as histórias que vivemos, levar as pessoas, confiar situações. Com Ele, podemos recompor o tecido da vida, cosendo as ruturas e os rasgões».

Nestes dias de tribulação por causa do coronavírus, todos nós – mais ou menos – folheámos o álbum das nossas memórias.

Refletimos sobre as nossas vidas; sobre as oportunidades que sobeamos colher, e sobre as que perdemos, desperdiçamos.

Pensámos no que vivemos, e lamentamos o que não vivemos.

Contamos histórias que atravessamos e imaginámos caminhos que não percorremos.

Abençoamos a civilização digital pela partilha que nos permitiu, e pelas distâncias que cancelou.

Mas também tememos o risco de que a dimensão remota acabe por substituir definitivamente a proximidade corporal.

Nas últimas semanas aplaudimos o florescimento de iniciativas espontâneas, capazes de unir o que antes estava dividido, de convocar homens e mulheres de boa vontade.

Assustamo-nos também perante o apodrecimento de ressentimentos nunca resolvidos, o renascimento de preconceitos, o ressurgimento da tentação de resolver tudo apontando este ou aquele bode expiatório.

Separados uns dos outros, redescobrimos acima de tudo a beleza do nós, a beleza – de “comunicar” com Deus – de falar com Ele no plural, de falar com Ele sobre nós, sobre os nossos medos, as nossas preocupações, as nossas expectativas. Sem separar as minhas das dos outros.

Ao experimentarmos a separação, compreendemos o sentido da comunhão.

Medimos a distância entre o que pensávamos que nos unia e o que realmente nos unia.

Sem a capacidade de reconduzir a experiência à unidade, não há sabedoria, nem conhecimento; tudo se reduz a uma lista de factos sem história.

Nestes dias, talvez o tenhamos compreendido melhor, mas estamos sempre na mesma encruzilhada.

Trata-se da orientação a dar às coisas. Em direção ao bem ou ao mal.

É também assim na comunicação. Podemos confiar apenas na tecnologia, ou dar-lhe uma alma.



Tecer uma nova história na partilha

Na mensagem para o Dia das comunicações sociais

Podemos perder-nos na incomunicabilidade, ou podemos encontrarmos na comunhão.

Podemos sentir em cada um de nós a responsabilidade da busca da verdade, ou tornar-nos instrumentos (conscientes ou inconscientes) da difusão de notícias falsas.

Podemos negar ou compreender os sinais do tempo.

Podemos comunicar desespero ou esperança. Mas tudo depende de onde baseamos a nossa esperança.

Depende da nossa capacidade de estarmos dentro da realidade sem sermos corrompidos por ela.

Cabe a nós escolher, como disse o Papa Francisco há algumas semanas, no dia 27 de março, na praça de São Pedro vazia.

Cabe a nós escolher o que importa e o que passa, separar o que é necessário do que não é.

Precisamos de uma mudança de ritmo: uma atitude diferente, uma confiança maior, de mais fé, um olhar puro, capaz de se admirar, de ser surpreendido pela verdade de Deus.

Para dar uma nova forma às coisas de ontem; para garantir que o isolamento não se torne solidão; para responder à união doente da pandemia com a união saudável da boa vontade; para encontrar um novo e mais sadio equilíbrio entre local e global, precisamos do nosso testemunho criativo; precisamos da nossa inteligência; precisamos acima de tudo da nossa fé e das nossas obras.

Assim, olhando para trás, para a forma como comunicámos antes da pandemia, é necessário fazer um sério exame de consciência.

Será que já comunicámos realmente antes? Ou a comunicação que lamentamos é como as cebolas do Egipto.

Quanto a nossa comunicação construía comunidade? E quanto, ao contrário, grupos fechados?

E como pode esta travessia do deserto tornar-nos hoje mais reais quando finalmente nos encontramos de novo nas ruas, nas praças, nas igrejas?

Paradoxalmente, a impossibilidade de nos encontrarmos, durante o período de quarentena, e a perspetiva

de nos encontrarmos apenas a uma distância adequada nos próximos tempos (que promete não ser curta) devolveram-nos o desejo de relações verdadeiras com os outros.

Fizeram-nos ver com novos olhos os nossos vizinhos, a rua, o bairro. Fizeram-nos sentir como é grande a tarefa para a qual, como crentes, somos todos chamados a testemunhar aquilo em que acreditamos; a construir comunidades acolhedoras e solidárias.

Já se podem ver os sinais, as sementes.

Mas é preciso que se enraizem num solo bom.

Cabe a nós oferecer (também através da comunicação) nos territórios a nossa rede de significado, de trabalho, de partilha. Cabe a nós, servos inúteis, mas chamados a ser os ramos da nova vida.

Como disse o Papa Francisco, cabe a nós «encontrar a coragem de abrir espaços onde todos possam sentir-se chamados e permitir novas formas de hospitalidade, fraternidade e solidariedade» (Momento extraordinário de oração, Adro da basílica de São Pedro, sexta-feira, 27 de março de 2020).

A comunicação deve ser refundada numa rede que seja simultaneamente global e local. Digital e real. Feita para unir, não para dividir.

Doar, não vender ou comprar. Dar à tecnologia uma dimensão que a transcenda.

Se a obrigação da distância física se mantiver, se o vírus se tornar endémico, caberá à comunicação assumir o papel de antiviral, permitindo o “nós”, impossibilitado pela distância.

Separar isolamento de solidão, distância física de distância social.

Se, ao contrário, a obrigação de estarmos fisicamente distantes acabar, como todos esperamos, o modo como nos reencontrarmos dependerá da forma como tivermos sabido reconstruir o nosso estar juntos.

Ao contrário do que se pensa frequentemente, “comunicar” não é apenas “transmitir informação” (que, por sua vez, pode ser falsa, e não verdadeira).

A comunicação (mesmo de informação) não consiste apenas em ga-

rantir que as coisas ditas a partir do centro cheguem a todos.

A comunicação eclesial não transmite catequese do alto.

Comunicar – estamos a redescobri-lo – é mais do que isto. É muito mais. Não há comunicação sem a verdade de um encontro.

Comunicar é estabelecer relações, é estar com. É por isso que devemos pensar em como utilizar a rede, para manter viva (apesar da distância) a relação encarnada entre as pessoas. Construir uma economia de partilha, do *share*. Perfilar as pessoas não de acordo com a sua capacidade de consumo, mas com a sua capacidade de dom.

O dom pode assumir muitas formas: pode-se doar o próprio tempo, as próprias habilidades, o próprio dinheiro, a própria oração.

Mas as pessoas estão dispostas a doar unicamente quando percebem que estão a colaborar para construir um valor recíproco.

Devemos aprender a partilhar mais nos nossos bairros, nas nossas ruas, nos nossos condomínios; testemunhando o nosso ser Igreja, oferecendo o nosso ser Igreja como o melhor lugar para estarmos juntos.

Hoje, mais do que nunca, é tempo que a Igreja saia dos seus muros, e não que pense em si mesma como estática, mas como dinâmica; que não fique parada à espera, mas que se mova e parta para construir a comunhão através de todos os instrumentos de comunicação; que dê vida a projetos de colaboração para reencensar, aperfeiçoar, classificar o excesso comunicativo característico do homem.

Chegou o momento de pensar na comunicação como numa forma de redistribuir o excesso de materiais, do conhecimento e do amor.

Hoje, mais do que nunca, é a união que faz a força. Mesmo que nos pareça o contrário.

Um provérbio africano diz que podemos ser o sorriso daqueles que nos precederam.

Eis então: cada história pode ser resgatada, redimida pela partilha de um sorriso que se torna uma narração.

Uma conferência sobre o pensamento social de João Paulo II proferida por Jorge Mario Bergoglio em 2003

O trabalho e a dignidade do homem

Relatamos longos excertos do texto – publicado em italiano no volume editado por Antonio Spadaro “Nei tuoi occhi è la mia parola” (Rizzoli, Milão, 2016, páginas 11-955), que recolhe homilias e discursos proferidos por Jorge Mario Bergoglio em Buenos Aires entre 1999 e 2013 – da conferência proferida pelo então cardeal arcebispo da capital argentina sobre o pensamento social de João Paulo II.

JORGE MARIO BERGOGLIO

«Duc in altum» – «Fazei-vos ao largo!» – «Sem hesitação!» – «Em profundidade!». A exortação de Jesus a Pedro, que João Paulo II fez sua e que nos transmitiu com renovado ardor apostólico, convida-nos a entrar hoje na sua ampla doutrina social. João Paulo II foi certamente o Pontífice que mais escreveu sobre a “questão social”: surpreendem-nos as três encíclicas, inúmeros discursos e homilias, e a constante referência ao social em todos os seus documentos, não só pela vastidão mas também pela amplitude dos horizontes, pela coragem e profundidade com que o Papa faz sua toda a doutrina social da Igreja e a repropõe de uma forma renovada e fervorosa. Ir “mais em profundidade” no seu pensamento há algo semelhante às travessias que o Senhor fez com os seus discípulos, quando os instruiu na rica e misteriosa realidade do lago de Genesaré, símbolo do mundo e da história. Na forma fechada da *Laborem exercens* e da *Sollicitudo rei socialis*, palpita a doutrina social da Igreja em forma universal e concreta, iluminada pelo Evangelho. E na brisa do mar ouvimos a promessa de uma pesca abundante. Desde o início do seu pontificado, o Papa operário convida-nos a entrar onde a vida social do homem é jogada pelos remos, pela força de lançar de novo as redes: no mundo do trabalho e da solidariedade. [...]

Tendo presentes os dois elementos da doutrina social da Igreja sublinhados pelo Papa – «a proteção da dignidade e dos direitos da pessoa no contexto de uma relação justa entre trabalho e capital e a promoção da paz» (*Tertio millennio adveniente*, 22) – nesta breve exposição refletiremos sobre a questão do trabalho. E fá-lo-emos na perspectiva da “espiritualidade do trabalho”.

Explico a razão desta escolha. Na *Novo millennio ineunte* (NMI), esta nova espiritualidade de solidariedade e comunhão, mencionada pelo Papa, apresenta uma síntese clara a que ele chama “uma espiritualidade do trabalho” [...] que pretende ser o paradigma da Igreja do novo milênio. As características desta espiritualidade são muito bem expostas: «Espiritualidade da comunhão significa em primeiro lugar ter o olhar do coração voltado para o mistério da Trindade, que habita em nós e cuja luz há-de ser percebida também no rosto dos irmãos que estão ao nosso redor» (NMI 43).

Sucessivamente o Papa especifica três âmbitos em que devemos preparar-nos para a comunhão à luz da presença de Deus no rosto de cada homem. Caracterizamo-los desta for-



ma: sermos capazes de pertencer a um só corpo [...], sermos capazes de ter uma visão que valorize a nossa própria organicidade [...], sermos capazes de dar espaço sem dominar os espaços [...].

Pensemos que esta espiritualidade de comunhão, com as suas múltiplas repercussões em cada esfera concreta da vida eclesial, tem um significado particular, se for aplicado a esta espiritualidade do operário que o Papa convida os trabalhadores a cultivar. Notemos, diga-se de passagem, que a comunhão e o trabalho são as duas únicas realidades que caracterizam a espiritualidade no documento.

Vejamos porquê. Neste ponto, queremos perguntar-nos qual é o conceito de João Paulo II tem do trabalho do homem.

Todos sabemos que a *Redemptor hominis*, a sua primeira Encíclica (1979), foi programática. O Papa pensou que era necessário partir do homem, deste homem cujo significado profundo e final se encontra apenas em Jesus Cristo, o Redentor do homem. Dois anos mais tarde, em 1981, João Paulo II publicou *Laborem exercens* (Le). Outra encíclica programática que João Paulo II dedicou «ao homem no amplo contexto desta realidade que é o trabalho». [...]

Sublinhamos antes de mais esta visão do Papa que nos fala de uma espiritualidade que «começa e faz-se ao longo no caminho do homem». De um homem, é bom sublinhá-lo, imerso no mistério de Jesus Cristo Redentor, não de um homem apenas em dimensão vertical, mas de um homem contextualizado na realidade e na história do ponto de vista do trabalho [...].

O Papa repete isto na perspectiva da própria essência do homem, a essência da qual deriva a missão de “dominar a terra” e que implica a “livre decisão de ser colaboradores do Criador”. A profecia de Romano Guardini está aqui subjacente quando, no seu livro *Il Potere*, apontou a razão fundamental para a mudança de paradigma que está a ocorrer cada vez mais no nosso mundo moderno. Guardini afirmou que o risco mais representativo e decisivo da nossa civilização atual era que o poder se estivesse a transformar cada vez mais em algo anónimo. Daqui, como de uma raiz, se desenvolvem todos os perigos e injustiças que

atualmente sofremos. E o antídoto proposto por Guardini mais não era do que fazer com que cada um fosse responsável de maneira solidária pelo poder. Neste ponto exato reside a visão de João Paulo II do trabalho humano como lugar onde o homem decide livremente o uso do poder como serviço e colaboração na obra criativa de Deus para o bem dos seus irmãos.

O trabalho é um lugar onde todos os princípios da doutrina social da Igreja e da sociedade adquirem concreteness. João Paulo II sempre afirmou que o primeiro ponto fixo da doutrina social, do qual todos os outros derivam, é este: «A ordem social está centrada no homem». Ao homem que trabalha, queremos acrescentar o homem que trabalha de forma livre, criativa, participativa e solidária.

Neste homem que trabalha, concentram-se e vinculam-se concretamente os outros princípios.

Com o trabalho, cumpre-se o princípio do “destino universal dos bens”.

Com o trabalho torna-se real “a legitimidade da propriedade privada, como condição indispensável da autonomia pessoal e familiar”.

Na valorização do trabalho – de todos os tipos de trabalho – como fonte de onde provêm todos os bens que tornam possível a vida em sociedade, está enraizado o conceito dos deveres e direitos que devem regular o Estado e esclarece-se o papel do Estado como promotor e guardião do bem comum. [...]

Unindo, num só olhar, a espiritualidade de comunhão e a espiritualidade do trabalho podemos afirmar que:

O fator comum de qualquer espiritualidade de comunhão, do ponto de vista do indivíduo, é este olhar do coração. Um olhar cordial é um olhar que inclui. Perante o conceito que reduz o trabalho ao mero emprego, que tem como fim a produção de bens que servem apenas alguns, o olhar espiritual considera o trabalho como expressão de todas as dimensões do homem: da mais fundamental, que pertence à “realização da pessoa”, à mais elevada, que o considera um “serviço” de amor.

Sob um ponto de vista objetivo, este olhar cordial, que aborda simultaneamente “o mistério da Trindade e o mistério de cada rosto humano”,

faz-nos apreciar o caráter vinculativo do trabalho, leva-nos a ver cada homem como “alguém que me diz respeito” e eleva o esforço de cada um a “dom para todos”. Ao redor destes valores desenvolve-se uma sociedade humana sem excluir classe alguma. Ao mesmo tempo, o próprio trabalho abre estes “espaços de participação” de que o Papa fala e transforma-os em espaços reais, concretos e dignos de participação.

O trabalho constrói a dignidade do homem, ligando a sua dimensão pessoal e a sua dimensão social, mas não só, tem uma dignidade muito elevada cuja razão última está enraizada em Jesus Cristo. [...]

Se atribuirmos o justo valor ao que significa que o Senhor nos redimiu com toda a sua vida – ações, palavras e gestos, alegrias e sofrimentos – os seus longos anos de trabalho silencioso e diário no pequeno mundo de Nazaré devem ter na nossa mente o justo peso que lhe foi atribuído pela sua importância. Se no Evangelho eles palpitam em silêncio é precisamente por isto: porque o valor de uma espiritualidade do trabalho é em si mesma silenciosa, humilde, contida. “A mais alta dignidade do trabalho”, é assim que o Papa descreve a obra de Jesus, feita com as suas próprias mãos.

E isto porque o trabalho está enraizado na sua dignidade na própria Trindade: “Meu Pai trabalha e eu também trabalho”, diz o Senhor. Foi precisamente uma imagem de trabalho que o Papa enfatizou, para que a conservemos no coração a fim de podermos enfrentar os problemas que obscurecem o horizonte do nosso tempo.

«Basta pensar na urgência de trabalhar pela paz, de estabelecer premissas sólidas de justiça e solidariedade nas relações entre os povos, de defender a vida humana desde a sua conceção até ao seu fim natural. E o que dizer, além disso, das muitas contradições de um mundo “globalizado”, onde os mais fracos, os mais pequeninos e os mais pobres parecem ter muito pouco a esperar?».

Neste mundo, diz o Papa, «a esperança cristã deve brilhar». E qual é, então, a imagem universal e concreta que ele nos apresenta como a mais clara e eficaz da esperança cristã? É a imagem de Jesus, Mestre de comunhão e serviço. «É significativo – diz o Papa – que o Evangelho de João, onde os sinóticos narram a instituição da Eucaristia, proponha, ilustrando assim o seu profundo significado, a história do “lava-pés”, na qual Jesus se torna mestre de comunhão e serviço (cf. *Jó* 13, 1-20). O Senhor quis permanecer conosco na Eucaristia, imprimindo nesta presença sacrificial e convivial (o humilde serviço do lava-pés era feito pelos escravos) a promessa de uma humanidade renovada pelo seu amor (*Ecclêsia de Eucharistia*)».

Na celebração deste “trabalho” em que, imitando o Redentor, a Igreja “realiza a Eucaristia”, condensam-se todas as tensões escatológicas do cristianismo: o compromisso de transformar o mundo e toda a existência para que se torne Eucaristia.

Fonte inexaurível

Vigésimo quinto aniversário da encíclica "Ut unum sint", sobre o empenho ecumênico

RICCARDO BURIGANA

A 25 de maio de 1995, na solenidade da Ascensão do Senhor, João Paulo II assinou a carta encíclica *Ut unum sint* sobre o empenho ecumênico com o qual o Pontífice pretendeu relançar o ardente desejo de unidade em todos os cristãos, os quais «se querem verdadeira e eficazmente fazer frente à tendência do mundo a tornar vão o Mistério da Redenção [...] devem professar juntos a mesma verdade sobre a Cruz», como lemos na introdução do documento. Precisamente nestas primeiras palavras, João Paulo II indicou as profundas razões que o levaram à elaboração da encíclica: o compromisso assumido pelo Concílio Vaticano II para a construção da unidade visível da Igreja que para os crentes assumiu um valor completamente novo no horizonte da celebração do ano 2000 «que será para eles Jubileu sagrado, comemoração da Encarnação do Filho de Deus, que Se fez homem para salvar o homem»; a raiz do caminho ecumênico em Cristo que «chama todos os seus discípulos à unidade»; a herança dos mártires cristãos, especialmente os do século XX, que «são a prova mais significativa de que todo o elemento de divisão pode ser vencido e superado com o dom total de si próprio à causa do Evangelho»; as novas exigências da ação missionária a serem enfrentadas numa perspectiva ecumênica, a fim de tornar a evangelização do mundo cada vez mais eficaz; a centralidade do papel do Bispo de Roma «como sucessor do Apóstolo Pedro, cuja missão visa particularmente lembrar a exigência da plena comunhão dos discípulos de Cristo».

Com a encíclica «que, na sua índole essencialmente pastoral, quer ser um contributo e apoio para o esforço de todos os que trabalham pela causa da unidade», o Papa quis reafirmar a escolha «irreversível» feita pela Igreja Católica com o Concílio Vaticano II «a percorrer o caminho da busca ecumênica, colocando-se assim à escuta do Espírito do Senhor, que ensina a ler com atenção os «sinais dos tempos»». Esta escolha já tinha dado muitos frutos, como indicam os passos dados para superar as divisões na compreensão das identidades de cada tradição cristã numa perspectiva de comunhão plena e visível, mas era necessário fazer algo mais no sentido de uma conversão diária capaz de captar as riquezas e os valores do caminho ecumênico para a missão de proclamar e testemunhar a Palavra de Deus da parte de todos os cristãos.

Fazendo um balanço da situação do percurso ecumênico a partir do compromisso ecumênico da Igreja Católica – refletindo sobre o que foi feito e dito pelos cristãos para a unidade nas últimas décadas (que a encíclica recordava ser apenas «uma etapa, ainda que promissora e positiva») – parecia necessário indicar quais eram os passos a dar para prosseguir no caminho que deveria conduzir «ao restabelecimento da unidade plena e visível de todos os

batizados». Era necessário encorajar a receção do que já tinha sido feito, aprofundar a dimensão da espiritualidade e da santidade ecumênica, relançar a ação missionária, sustentada pela oração.

Na agenda dos temas a tratar para o desenvolvimento da investigação teológica e do testemunho cristão da unidade visível da Igreja, foi reservado um lugar muito especial à «questão da primazia do Bispo de Roma», também à luz do interesse que se tinha manifestado no movimento ecumênico nos últimos tempos. A proposta de abordar este tema surgiu também da importância que a Igreja Católica atribuiu à questão da primazia petrina precisamente para o aprofundamento da comunhão entre os cristãos, relançando assim um debate que tinha abrangido todo o século XX e assumido um valor eclesiológico completamente novo com a celebração do Concílio Vaticano II.

A questão da primazia petrina e das formas do seu exercício constitui sem dúvida um elemento central da encíclica, mas abre perspectivas que vão muito além deste tema. De facto, se por um lado a encíclica constituiu um passo significativo na receção ecumênica do Concílio Vaticano II, introduzindo inovações significativas em relação à linha indicada por Pau-

lo VI (especialmente com uma série de gestos que colocam no centro a busca de uma nova fraternidade), a *Ut unum sint* insiste, com clareza, sobre a dimensão quotidiana do caminho ecumênico que não se pode limitar «ao encontro e à troca de pontos de vista», mas deve incidir na experiência de fé de cada crente, referindo-se àquela dimensão que «orienta para Jesus Redentor do mundo e Senhor da história». Nesta dupla acepção – uma receção inovadora do Vaticano II e da dimensão quotidiana do ecumenismo – a encíclica pode ser plenamente compreendida, refazendo as palavras e os gestos pela unidade de João Paulo II que, precisamente no ano da publicação do documento, entre outras coisas, propôs uma recuperação e valorização do património espiritual, tradição teológica e litúrgica do Oriente cristão, partindo da tradição das Igrejas plenamente unidas em Roma, com a publicação de duas cartas apostólicas, a *Oriente lumen* (2 de maio de 1995), por ocasião do centenário da *Orientalium dignitas* do Papa Leão XIII, e a do quarto centenário da União de Brest (12 de novembro). Vai-se além da dimensão da Igreja que deve respirar «com os dois pulmões», para delinear uma Igreja Católica empenhada diaria-

mente, em todas as suas articulações, na construção da unidade, reafirmando uma profunda fidelidade ao ensinamento de Jesus Cristo, a partir de uma conversão pessoal que ajude a viver a unidade na diversidade.

Em muitas ocasiões, além dos encontros com os responsáveis das Igrejas e dos organismos ecumênicos, que muitas vezes tiveram lugar durante as viagens apostólicas do seu pontificado, João Paulo II dedicou-se a afirmar a prioridade da dimensão quotidiana do testemunho ecumênico na Igreja, como aconteceu, apenas para dar um exemplo, com a publicação, a 25 de março de 1993, pelo Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos, da segunda edição do *Diretório para a Aplicação dos Princípios e das Normas do Ecumenismo*. O Diretório, citado explicitamente na *Ut unum sint*, foi revisto precisamente para incorporar quanto podemos chamar os sinais dos tempos do percurso ecumênico, tal como foi configurado com o Vaticano II.

Devido ao seu conteúdo e perspectivas, desde a publicação, a *Ut unum sint* provocou, não só no seio da Igreja Católica, um amplo e vivo debate que se centrou sobretudo na questão da autoridade, num sentido eclesiológico que permitiu progressos significativos na reflexão sobre a relação entre a Igreja universal e a Igreja local, como demonstram os numerosos documentos oficiais onde a encíclica é citada. Questionou-se, e continua a ser questionado, além dos muitos diálogos bilaterais que envolvem a Igreja Católica a vários níveis, sobre as formas de exercício do magistério petrinico como forma possível de viver a comunhão, tendo sempre presente que os cristãos são peregrinos que devem confiar «o coração ao companheiro de estrada sem suspeitas nem desconfiança, e olhar antes de tudo para o que procuramos: a paz no rosto do único Deus» (Papa Francisco, *Evangelii gaudium*, 244).

Vinte e cinco anos depois, a encíclica sobre o empenho ecumênico *Ut unum sint* é sempre uma fonte preciosa para compreender a vocação ecumênica da Igreja Católica, ao mesmo tempo que encoraja a reflexão sobre o papel de João Paulo II no desenvolvimento do caminho ecumênico. Da leitura dos seus textos, mais do que das interpretações que lhes foram dadas, mesmo nas últimas semanas, que parecem resultar da avaliação de um único gesto e de uma só palavra, pode-se ver quanto foi prioritário o empenho diário de João Paulo II na construção da unidade visível da Igreja. Compromisso, construção, unidade alimentada por uma conversão do coração de todos os cristãos, retomando assim um tema recuperado do Vaticano II, da descoberta de uma relação privilegiada com o povo judeu, na distinção profunda entre caminho ecumênico e diálogo inter-religioso, na descoberta da própria identidade como premissa indispensável e fundamental para viver a unidade na diversidade.

Pormenor da primeira página de 31 de maio de 1995

Carta ao presidente do pontifício Conselho para a promoção da unidade dos cristãos

Gestos proféticos pelo caminho da unidade

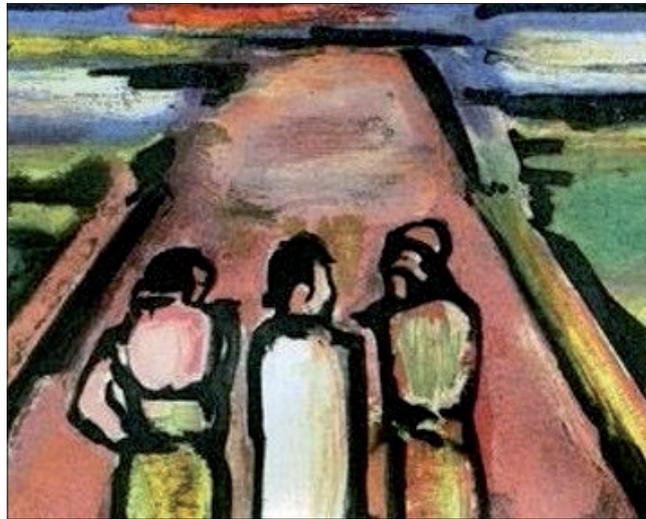
O Espírito Santo «inspire novos gestos proféticos e fortaleça a caridade fraterna entre todos os discípulos de Cristo». Eis os bons votos com os quais termina a carta que o Papa enviou ao cardeal Kurt Koch, presidente do pontifício Conselho para a promoção da unidade dos cristãos, por ocasião do vigésimo quinto aniversário da encíclica “Ut unum sint”, de João Paulo II: um texto, frisou Francisco, que confirma «de modo irreversível o compromisso ecumênico da Igreja católica». Publicamos a nossa tradução da carta, que foi divulgada na manhã de 25 de maio.

Ao amado Irmão
Cardeal KURT KOCH
Presidente do Pontifício Conselho
para a Promoção
da Unidade dos Cristãos

Amanhã completam-se vinte e cinco anos desde que São João Paulo II assinou a Carta Encíclica *Ut unum sint*. Com o olhar dirigido para o horizonte do Jubileu do Ano 2000, ele queria que a Igreja, no seu caminho rumo ao terceiro milénio, tivesse bem presente a premente oração do seu Mestre e Senhor: «Que sejam um só!» (cf. *Jô 17, 21*). Por isso escreveu esta Encíclica, que confirmou «de maneira irreversível» (UUS, n. 3) o compromisso ecumênico da Igreja católica. Publicou-a na Solenidade da Ascensão do Senhor, colocando-a sob o sinal do Espírito Santo, artífice da unidade na diversidade, e é neste mesmo contexto litúrgico e espiritual que a comemoramos e a voltamos a propor ao Povo de Deus.

O Concílio Vaticano II reconheceu que o movimento em vista do restabelecimento da unidade de todos os cristãos «surgiu pela graça do Espírito Santo» (*Unitatis redintegratio*, 1). afirmou também que o Espírito, enquanto «realiza a diversidade de graças e de ministérios», é «o princípio da unidade da Igreja» (*ibid.*, n. 2). E a *Ut unum sint* reitera que «a diversidade legítima não se opõe de modo algum à unidade da Igreja mas, pelo contrário, aumenta a sua dignidade e contribui em grande medida para o cumprimento da sua missão» (n. 50). Com efeito, «só o Espírito Santo pode suscitar a diversidade, a multiplicidade e, ao mesmo tempo, realizar a unidade [...] É Ele quem harmoniza a Igreja» porque, como diz São Basílio Magno, «Ele mesmo é a harmonia» (*Homília na Catedral católica do Espírito Santo*, Istambul, 29 de novembro de 2014).

Neste aniversário, dou graças ao Senhor pelo caminho que Ele nos concedeu percorrer como cristãos, em busca da plena comunhão. Também eu compartilho a impaciência saudável daqueles que, às vezes, pensam que poderíamos e deveríamos esforçar-nos mais. No entanto, não nos deve faltar fé e reconhecimento: ao longo destas décadas foram dados muitos passos para curar feridas seculares e milenares; aumentaram o conhecimento e a estima recíprocos, ajudando a superar preconceitos enraizados; desenvolveram-se



Georges Rouault, «Os discípulos de Emaús»

os diálogos da teologia e da caridade, bem como várias formas de colaboração no diálogo da vida, nos planos pastoral e cultural. Neste momento dirijo o meu pensamento aos meus queridos Irmãos colocados à frente das várias Igrejas e Comunidades cristãs; e abrange todos os irmãos e irmãs de cada tradição cristã, que são os nossos companheiros de viagem. Como os discípulos de Emaús, podemos sentir a presença de Cristo ressuscitado, que caminha ao nosso lado e nos explica as Escrituras, e reconhecê-lo na fração do

pão, à espera de partilharmos juntos a Mesa eucarística.

Renovo a minha gratidão a quantos atuaram e trabalham neste Dicastério para manter viva na Igreja a consciência desta meta irrenunciável. Tenho o prazer de recordar, em particular, duas iniciativas recentes. A primeira é um *Vade-mécum ecumênico* para Bispos, que será publicado no próximo outono, como incentivo e orientação para o exercício das suas responsabilidades ecuménicas. Com efeito, o serviço da unidade constitui

um aspeto essencial da missão do Bispo, que é «o princípio e o fundamento visível da unidade» na sua Igreja particular (*Lumen gentium*, 23; cf. *CDC*, 383 § 3; *CDCIO*, 902-908). A segunda iniciativa é o lançamento da revista *Acta Oecumenica* que, renovando o Serviço de Informação do Dicastério, se propõe como subsídio para aqueles que trabalham ao serviço da unidade.

No caminho que conduz à plena comunhão é importante recordar a vereda percorrida, mas é igualmente relevante perscrutar o horizonte fazendo, com a Encíclica *Ut unum sint*, esta pergunta: «Quanta est nobis via?» (n. 77), «quanto caminho nos resta a percorrer?». Uma coisa é certa: a unidade não é principalmente o resultado da nossa ação, mas é dom do Espírito Santo. No entanto, «ela não chegará como um milagre, no final: a unidade vem a caminho, o Espírito Santo fá-la a caminho» (*Homília nas Vésperas*, São Paulo Fora dos Muros, 25 de janeiro de 2014). Portanto, invoquemos com confiança o Espírito, a fim de que Ele oriente os nossos passos e cada um sinta com renovado vigor a chamada a trabalhar pela causa ecuménica; Ele inspire novos gestos proféticos e fortaleça a caridade fraterna entre todos os discípulos de Cristo, «para que o mundo creia» (*Jô 17, 21*) e se multiplique o louvor ao Pai que está nos Céus.

Vaticano, 24 de maio de 2020.

Franciscus

Nova embaixadora da Argentina apresentou as credenciais

Sua Excelência a senhora María Fernanda Silva, nova embaixadora da República Argentina junto da Santa Sé, nasceu a 20 de dezembro de 1965. Formada em ciências políticas com especialização em relações internacionais pela Pontifícia universidade católica de Buenos Aires, entrou na carreira diplomática a 1 de janeiro de 1993, desempenhando, entre outros, os seguintes cargos: funcionária do ministério dos Negócios estrangeiros (Mne) na direção da América do Sul, segunda secretária da embaixada no Chile, delegada junto da Comissão económica para a América Latina (Cepal), primeira secretária do Mne na direção da Europa ocidental, conselheira no Gabinete do ministro dos Negócios Estrangeiros, conselheira e subdiretora para os Negócios regionais, chefe da seção Política na embaixada na Venezuela (2007), secretária-geral da União das nações sul-americanas (Unasur), com sede em Quito, na qualidade de representante da Argentina (2012), responsável pela direção do Caribe na sub-

secretaria de Política latino-americana (outubro de 2014), ministra extraordinária e plenipotenciária de primeira classe, e encarregada interina dos Negócios na embaixada junto da Santa Sé (2015), deputy junto dos três organismos das Nações Unidas com sede em Roma: Fao, Fundo Internacional para o Desenvolvimento Agrícola – Fida, e Programa alimentar mundial – Pma (2016).



Na manhã de sábado, 23 de maio, o Papa Francisco recebeu em audiência Sua Excelência a senhora María Fernanda Silva, nova Embaixadora da Argentina, por ocasião da apresentação das Cartas com as quais é acreditada junto da Santa Sé

O grupo francês foi acompanhado pelo ardeal Barbarin

Audiência do Papa à comunidade Lázare



Na manhã de sexta-feira, 29 de maio, o Papa recebeu em audiência na Casa Santa Marta uma delegação da comunidade francesa Lázare, que desde 2011 promove experiências de vida comum, em apartamentos partilhados, entre jovens e pessoas que viveram na rua. Com o grupo — acompanhado pelo cardeal Philippe Barbarin, arcebispo emérito de Lyon — o Pontífice entretive-se longamente, respondendo às perguntas dos presentes sobre diversos temas.

Congregação para as causas dos santos

Promulgação de decretos

No dia 26 de maio, o Santo Padre Francisco recebeu em audiência o senhor cardeal Angelo Becciu, prefeito da Congregação para as causas dos santos. Durante a audiência, o Sumo Pontífice autorizou a mesma Congregação a promulgar os seguintes Decretos, relativos:

- ao milagre, atribuído à intercessão do Beato Cesare de Bus, sacerdote, fundador da Congregação dos padres da Doutrina cristã (Doutrinários); nascido a 3 de fevereiro de 1544 em Cavaillon (França) e falecido em Avignon (França), em 15 de abril de 1607;
- ao milagre, atribuído à intercessão do Beato Charles de Foucauld (chamado Carlos de Jesus), sacerdote diocesano; nascido em Estrasburgo (França) em 15 de setembro de 1858 e falecido em Tamanrasset (Argélia) no dia 1 de dezembro de 1916;
- ao milagre, atribuído à intercessão da Beata Maria Domingas Mantovani, cofundadora e primeira superiora-geral do Instituto das pequenas irmãs da Sagrada Família; nascida em 12 de novembro de 1862 em Castelletto di Brenzone (Itália) e aí falecida a 2 de fevereiro de 1934;
- ao milagre, atribuído à intercessão do Venerável Servo de Deus Michael McGivney, sacerdote diocesano, fundador da Ordem dos Cavaleiros de Colombo, v.d. *The Knights of Columbus*; nascido em 12 de agosto de 1852 em Waterbury (Estados Unidos da América) e falecido em Thomas-ton (Estados Unidos da América) no dia 14 de agosto de 1890;
- ao milagre, atribuído à intercessão da Venerável Serva de Deus Pauline Maria Jaricot, fundadora das Obras do “Conselho para a propagação da fé” e do “Rosário vivo”; nascida a 22 de julho de 1799 em Lyon (França) e aí falecida em 9 de janeiro de 1862;
- ao martírio dos Servos de Deus Simeone Cardon e 5 companheiros, religiosos professos da Congregação cisterciense de Casamari (Itália); mortos por ódio à Fé em Casamari, de 13 a 16 de maio de 1799;
- ao martírio do Servo de Deus Cosma Spessotto (no século: Sante), sacerdote professo da Ordem dos frades menores; nascido em Mansuét (Itália), a 28 de janeiro de 1923, e morto por ódio à Fé em San Juan Nualco (El Salvador), em 14 de junho de 1980; e
- às virtudes heróicas do Servo de Deus Melchior Maria de Marion Brésillac, bispo titular de Prusa, ex-vigário apostólico de Coimboare, fundador da Sociedade das missões africanas; nascido em 2 de dezembro de 1813 em Castelnaudary (França) e falecido em Freetown (Serra Leoa) no dia 25 de junho de 1859.

Fé, dom divino e resposta humana

LUÍS EUGÊNIO SANÁBIO E SOUZA*

O que é a fé? A fé é um dom sobrenatural que Deus concede gratuitamente ao homem. Considerando que a livre iniciativa de Deus pede a livre resposta do homem, podemos entender que a fé é também um ato autenticamente humano. Na fé, a inteligência e a vontade humanas cooperam com a graça divina. Para explicar isso, uma expressão em latim esclarece: “*Credere est actus intellectus assentientis veritati divinae ex imperio voluntatis a Deo motae per gratiam*” — “Crer é um ato da inteligência que assente à verdade divina a mando da vontade movida por Deus através da graça” (S. Tomás de Aquino, *S.Th.* II-II,2, 9). Embora sublinhando o caráter sobrenatural da fé, a Igreja Católica também destaca o valor da racionalidade da fé.

No século IV, Santo Agostinho explicou que a fé, se não for pensada, nada é, ou seja, crer nada mais é senão pensar consentindo; todo o que crê pensa; crendo, pensa e pensando, crê. Se se tira o assentimento, tira-se a fé, pois, sem o assentimento, realmente não se crê (Santo Agostinho, *De fide, spe et caritate*, 7: CCL 64, 61.). A fé transcende a razão, mas ela também tem uma dimensão racional. A teologia é a reflexão racional sobre a revelação divina, que a Igreja aceita pela fé como verdade salvífica universal. No século XII, Santo Anselmo recordou que “*Fides*

quaerens intellectum” — “a fé procura compreender”. Assim, um conhecimento mais penetrante despertará por sua vez uma fé maior, cada vez mais ardente de amor.

Mas o motivo de crer não é o fato de as verdades reveladas por Deus aparecerem como verdadeiras e inteligíveis à luz de nossa limitada razão natural. Aquele que crê, crê por confiança na autoridade de Deus que revela e não pode nem enganar-se, nem enganar-nos. Segundo a famosa expressão de Santo Agostinho, “*intellige ut credas: crede, ut intelligas*” — “eu creio para compreender, e compreendo para melhor crer”. Sem dúvida, as verdades da fé podem parecer obscuras à razão e à experiência humanas, mas “*maior est certitudo quae est per divinum lumen, quam quae est per lumen rationis naturalis*” — “a certeza dada pela luz divina é maior que a que é dada pela luz da razão natural” (S. Tomás de Aquino). Então, dez mil dificuldades não fazem uma única dúvida (dizia o memorável Cardeal Newman no século XIX).

A fé é distinta da razão. No século XIX, o Concílio Vaticano I recordou que existem duas ordens de conhecimento, distintas não apenas pelo seu princípio, mas também pelo seu objeto. Pelo seu princípio, porque, se num conhecemos pela razão natural, no outro, fazemo-lo por meio da fé divina; pelo objeto, porque, além das verdades que a razão natural pode compreender, é-nos

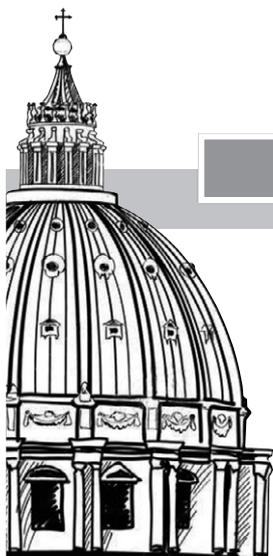


proposto ver os mistérios escondidos em Deus, que só podem ser conhecidos se nos forem revelados do Alto (Concílio Vaticano I: DF, IV). Esse mesmo Concílio explicou que ainda que a fé esteja acima da razão, não poderá jamais haver verdadeira desarmonia entre uma e outra, porquanto o mesmo Deus que revela os mistérios e infunde a fé, dotou o espírito humano da luz da razão (Concílio Vaticano I: DF, IV parágrafo 3).

À Igreja Católica ensina que a fé é um ato pessoal e ao mesmo tempo eclesial. A fé da Igreja precede, gera,

sustenta e alimenta a fé dos fiéis. Por isso, a Igreja é “*Mater et Magistra*”, isto é, “Mãe e Mestra” de todos os crentes. Assim, no século III, São Cipriano pôde dizer que ninguém pode ter a Deus por Pai, que não tenha a Igreja por mãe. O ato de fé é por sua natureza voluntário. Por isso, a Igreja afirma que jamais é lícito a alguém levar os homens a abraçar a fé católica por coação, contra a própria consciência (Código de Direito Canônico, cân. 748 § 2).

Escritor



INFORMAÇÕES

Audiências

O Papa Francisco recebeu em audiências particulares:

No dia 23 de maio

Sua Ex.cia a Sra. María Fernanda Silva, Embaixadora da Argentina, para a apresentação das Cartas Credenciais.

O Senhor Cardeal Marc Ouellet, Prefeito da Congregação para os Bispos; e D. Claudio Maniago, Bispo de Castellana (Itália).

Sua Ex.cia o Dep. Nicola Zingaretti, Presidente da Região do Lácio (Itália).

No dia 26 de maio

O Senhor Cardeal Angelo Beccia, Prefeito da Congregação para as Causas dos Santos.

No dia 28 de maio

O Senhor Cardeal Luis Francisco Ladaria Ferrer, Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé; D. Antonio De Luca, Bispo de Teggiano-Policastro (Itália); e D. Stefano Russo, Bispo Emérito de Fabriano-Matelica, Secretário-Geral da Conferência Episcopal Italiana.

Sua Ex.cia o Sr. Carlos Ávila Molina, Embaixador de Honduras, em visita de despedida.

Renúncias

O Sumo Pontífice aceitou a renúncia:

A 23 de maio

De D. Edmundo Luis Flavio Abastoflor Montero, ao governo pastoral da Arquidiocese Metropolitana de La Paz (Bolívia).

De D. John Hung Shan-chuan, S.V.D., ao governo pastoral da Arquidiocese Metropolitana de Taipei (Taiwan).

A 27 de maio

De D. Eugène Lambert Adrian Rixen, ao governo pastoral da Diocese de Goiás (Brasil).

Nomeações

O Santo Padre nomeou:

No dia 21 de maio

Núncio Apostólico na Bielorrússia, D. Ante Jozić, Arcebispo Titular Eleito de Cissa.

No dia 22 de maio

Bispo Auxiliar da Arquidiocese Metropolitana de Lublin (Polónia), o Rev.^{do} Cón. Adam Piotr Bab, do clero da mesma Sede, até agora Pároco da Paróquia de São José e Diretor do Departamento para a Pastoral Juvenil, simultaneamente eleito Bispo Titular de Arna.

D. Adam Piotr Bab nasceu a 30 de dezembro de 1974 em Lublin, na Polónia, e foi ordenado Sacerdote em 22 de maio de 1999.

No dia 23 de maio

Arcebispo Metropolitano de La Paz (Bolívia), D. Percy Lorenzo Galván Flores, até esta data Bispo Prelado da Prelazia Territorial de Corocoro.

Arcebispo Metropolitano de Taipei (Taiwan) e Administrador Apostólico das Ilhas Kinmen ou Quemoy e Matsu, D. Thomas An-Zu Chung, até à presente data Bispo de Kiayi.

No dia 25 de maio

Membro Ordinário da Pontifícia Academia das Ciências, Sua Ex.cia o Prof. Eric Steven Lander, Presidente e Diretor Fundador do "Broad Institute of Massachusetts Institute of Technology and Harvard" (Cambridge, Estados Unidos da América).

No dia 26 de maio

Bispo de Wagga Wagga (Austrália), D. Mark Stuart Edwards, O.M.I., até hoje Bispo Titular de Garba e Auxiliar da Arquidiocese de Melbourne.

Bispo de San Felipe (Chile), o Rev.^{do} Pe. Gonzalo Arturo Bravo Salazar, do clero da Diocese de Valparaíso, até esta data Pároco da Paróquia de "El Salvador del Mundo" em La Matriz - Valparaíso e Decano da Faculdade Eclesiástica de Teologia da Pontifícia Universidade Católica de Valparaíso.

D. Gonzalo Arturo Bravo Salazar nasceu em Valparaíso, no Chile, a 30 de dezembro de 1962, e recebeu a Ordenação sacerdotal no dia 12 de outubro de 1997.

Bispo Auxiliar da Arquidiocese Metropolitana de Santiago (Chile), o Rev.^{do} Pe. Julio Esteban Larrondo Yáñez, do clero da mesma Sede, até agora Pároco da Paróquia de "Nuestra Señora de Lourdes" e Vigário Episcopal do setor sul de Santiago, simultaneamente eleito Bispo Titular de Magarmel.

D. Julio Esteban Larrondo Yáñez nasceu em Santiago, no Chile, em 23 de agosto de 1959, e foi ordenado Presbítero a 12 de dezembro de 1992.

Bispo Auxiliar da Arquidiocese de Alba Iulia (Roménia), o Rev.^{do} Pe. László Kerekes, do clero da mesma

Sede, até à presente data Pároco da Paróquia do Beato Eusébio, em Târgu Secuiesc, simultaneamente eleito Bispo Titular de Tharros.

D. László Kerekes nasceu em 23 de julho de 1968, em Ghelintza (Gelence), na Roménia, e recebeu a Ordenação presbiteral no dia 16 de maio de 1993.

No dia 27 de maio

Bispo da Diocese de Goiás, no Brasil, o Rev.^{do} Pe. Jeová Elias Ferreira, do clero da Arquidiocese de Brasília, até hoje Vigário-Geral e Pároco da Paróquia de Nossa Senhora de Nazaré, em Planaltina-DF.

D. Jeová Elias Ferreira nasceu em 24 de agosto de 1961 em Sobral, no Estado do Ceará (Brasil). Concluiu os estudos de Filosofia e Teologia no seminário Nossa Senhora de Fátima, na Arquidiocese de Brasília. Em seguida, obteve a licenciatura em Teologia pastoral em Bogotá (Colômbia). Foi ordenado Sacerdote no dia 30 de novembro de 1991 e incardinado na Arquidiocese de Brasília, onde desempenhou os seguintes cargos: administrador da quase-paróquia Nossa Senhora das Graças, em Samambaia-DF; pároco das paróquias da Santíssima Trindade, em Ceilândia-DF, e de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, em Sobradinho-DF; membro dos conselhos pastoral, presbiteral e para os assuntos financeiros; e vigário episcopal.

Bispo Auxiliar da Arquidiocese Metropolitana de São Sebastião do Rio de Janeiro (Brasil), o Rev.^{do} Pe. Célio da Silveira Calixto Filho, do clero da mesma Sede, até esta data Pároco da Paróquia de Nossa Senhora de Fátima, no Vicariato Episcopal Suburbano, simultaneamente eleito Bispo Titular de Segia.

D. Célio da Silveira Calixto Filho nasceu no dia 8 de maio de 1973 em Passos, diocese de Guaxupé-MG. Antes de iniciar a formação para o sacerdócio, estudou Engenharia mecânica na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Depois concluiu os estudos de Filosofia na faculdade "João Paulo II", no Rio de Janeiro (1996-1997), e de Teologia no Instituto superior de Teologia, no Rio de Janeiro (1998-2001). Além disso, frequentou um curso de especialização em História da filosofia na faculdade de São Bento, no Rio de Janeiro, obtendo a licenciatura em Teologia na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2014). Recebeu a Ordenação sacerdotal em 28 de setembro de 2002 e foi incardinado na arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro, onde desempenhou as seguintes funções: vigário paroquial de São José Operário; vigário forâneo da segunda forania do vicariato de Leopoldina; diretor espiritual do seminário arquidiocesano São José; e membro do cabido dos cônegos da Catedral metropolitana de São Sebastião do Rio de Janeiro.

Prelados falecidos

Adormeceram no Senhor:

A 20 de novembro de 2019

D. André Jin Daoyuan, Bispo "sem jurisdição" da Diocese de Chang-

zhi/Luan, em Shanxi (China Continental).

O saudoso Prelado nasceu a 13 de junho de 1929, no povoado de Beishe, distrito de Lucheng, na China Continental. Recebeu a Ordenação presbiteral no dia 1 de julho de 1956. No grave contexto dos anos 50, foi preso e permaneceu no cárcere por aproximadamente treze anos. Recordado como Pastor devoto e zeloso para com o seu povo, dedicou-se em particular à pastoral vocacional, contribuindo para formar muitos sacerdotes e religiosas e, ao mesmo tempo, para construir vários edifícios de culto da Diocese de Changzhi/Luan.

A 23 de março

D. José Ma Zhongmu, Bispo Emérito de Yinchuan/Ningxia (China Continental), não reconhecido pelo Governo. Foi o primeiro, e até agora único, Bispo de etnia mongol.

O venerando Prelado nasceu no dia 1 de novembro de 1919, no povoado de Chengchuan (Mongólia Interior), onde vivia desde 2005. Foi ordenado Sacerdote em 31 de julho de 1947. Em 1958, depois de ter recusado a aderir à Associação patriótica, foi condenado a trabalhos forçados. Tendo sido libertado dez anos mais tarde, obrigaram-no contudo a trabalhar como operário na sua aldeia, numa instalação de gestão da água. Recebeu a Ordenação episcopal a 8 de novembro de 1983 e foi destinado ao cuidado pastoral dos fiéis de etnia mongol de Yinchuan/Ningxia. Muito amado pelos membros da comunidade, dedicou-lhe um catecismo e outros textos de doutrina no próprio idioma e, com a ajuda de alguns fiéis, traduziu em língua mongol o Novo Testamento e o Missal Romano.

A 7 de maio

D. José Zhu Baoyu, Bispo Emérito de Nanyang, Henan (China Continental).

O ilustre Prelado nasceu a 2 de julho de 1921, em Pushan, Henan, na China Continental. Recebeu a Ordenação sacerdotal em 1957. Por causa da sua fé, de 1964 a 1967 foi condenado a trabalhos forçados e, em 1981, novamente a dez anos de trabalhos, como antirrevolucionário. No dia 19 de março de 1995, festividade de São José, foi ordenado Bispo Coadjuutor de Nanyang, cujo governo pastoral assumiu em 23 de novembro de 2002.

A 23 de maio

D. Johann Weber, Bispo Emérito de Graz-Seckau (Áustria).

O saudoso Prelado nasceu em Graz, na Áustria, a 26 de abril de 1927. Foi ordenado Presbítero em 2 de julho de 1950 e recebeu a Ordenação episcopal no dia 22 de setembro de 1969.

A 26 de maio

D. Óscar Lino Lopes Fernandes, Bispo Emérito de Benguela, em Angola.

O ilustre Prelado nasceu em Malanje (Angola), no dia 30 de setembro de 1931. Recebeu a Ordenação sacerdotal em 26 de julho de 1964 e foi ordenado Bispo a 2 de fevereiro de 1975. Renunciou a governo pastoral da sua Diocese no dia 18 de fevereiro de 2008.

No final da tarde de sábado, 31 de maio, vigília do domingo de Pentecostes, o Santo Padre presidiu a recitação do Santo Rosário na Gruta de Lurdes dos Jardins do Vaticano. Uniram-se ao Papa Francisco, nesse momento de oração transmitido em mundovisão, os Santuários marianos. As contas do Rosário foram recitadas por algumas mulheres e homens em representação de várias categorias de pessoas particularmente atingidas pela emergência causada pela Covid-19. Um médico e uma enfermeira, uma pessoa que se curou e outra que perdeu um familiar, um sacerdote capelão hospitalar, uma religiosa enfermeira, uma farmacêutica, uma jornalista, um voluntário da Proteção Civil e uma jovem família à qual, precisamente neste período, nasceu um filho. O Papa introduziu o Rosário com a seguinte prece.

Ó Maria,

Tu resplandesces sempre no nosso caminho como um sinal de salvação e de esperança. Confiamos-nos a ti, Saúde dos enfermos, que permaneceste, junto da cruz, associada ao sofrimento de Jesus, mantendo firme a tua fé.

Tu, Salvação do povo romano, sabes do que precisamos e temos a certeza de que no-lo providenciarás para que, como em Caná da Galileia, possam voltar a alegria e a festa depois desta provação.

Ajuda-nos, Mãe do Divino Amor, a conformar-nos com a vontade do Pai e a fazer aquilo que nos disser Jesus, que assumiu sobre si as nossas enfermidades e carregou as nossas dores para nos levar, através da cruz, à alegria da ressurreição. Amém!

À tua proteção, recorremos, Santa Mãe de Deus;

não desprezes as nossas súplicas na hora da provação mas livra-nos de todos os perigos, ó Virgem gloriosa e bendita.

Após a oração do Terço, o Santo Padre recitou a seguinte oração a Maria.

À tua proteção recorremos, Santa Mãe de Deus.

Na dramática situação atual, carregada de sofrimentos e angústias que oprimem o mundo inteiro, recorremos a ti, Mãe de Deus e nossa Mãe, refugiando-nos sob a tua proteção.

Ó Virgem Maria, volve para nós o teu olhar misericordioso nesta pandemia do coronavírus e conforta quantos se sentem perdidos e choram os seus familiares mortos e, por vezes, sepultados de uma maneira que fere a alma. Sustenta aqueles que estão angustiados por pessoas enfermas de quem não se podem aproximar, para impedir o contágio. Infunde confiança em quem vive ansioso com o futuro incerto e as consequências sobre a economia e o trabalho.

Mãe de Deus e nossa Mãe, alcança-nos de Deus, Pai de misericórdia, que esta dura provação termine e volte um horizonte de esperança e paz. Como em Caná, intervém junto do teu Divino Filho, pedindo-lhe que conforte as famílias dos doentes e das vítimas e abra o seu coração à confiança.

Protege os médicos, os enfermeiros, os agentes de saúde e os voluntários que, neste período de emergência, estão na vanguarda, arris-



Recitação do rosário nos Jardins do Vaticano em ligação com os santuários mundo

Mãe do Divino Amor livra-nos de todos os perigos

cando a própria vida para salvar outras vidas. Acompanha a sua fadiga heroica e dá-lhes força, bondade e saúde.

Permanece junto daqueles que assistem noite e dia os doentes, e dos sacerdotes que procuram ajudar e apoiar todos, com solicitude pastoral e dedicação evangélica.

Virgem Santa, ilumina as mentes dos homens e mulheres de ciência, a fim de encontrarem as soluções justas para vencer este vírus.

Assiste os responsáveis das nações, para que atuem com sabedoria, solicitude e generosidade, socorrendo aqueles que não têm o necessário para viver, programando soluções sociais e económicas com clarividência e espírito de solidariedade.

Maria Santíssima toca as consciências para que as somas enormes usadas para aumentar e aperfeiçoar os armamentos sejam, ao contrá-

rio, destinadas a promover estudos adequados para prevenir catástrofes deste género no futuro.

Mãe amadíssima, faz crescer no mundo o sentido de pertença a uma única grande família, na certeza do vínculo que une todos, para acudirmos, com espírito fraterno e solidário, a tanta pobreza e a inúmeras situações de miséria. Encoraja a firmeza na fé, a perseverança no serviço, a constância na oração.

Ó Maria, Consoladora dos aflitos, abraça todos os teus filhos atribulados e alcança-nos a graça que Deus intervenha com a sua mão onipotente para nos libertar desta terrível epidemia, de modo que a vida possa retomar com serenidade o seu curso normal.

Confiamos-nos a ti, que resplandesces sobre o nosso caminho como sinal de salvação e de esperança, ó clemente, ó piedosa, ó doce Virgem Maria. Amém!



Saudação no final da prece

No final da recitação do Rosário, o Santo Padre pronunciou estas palavras.

Dizem-me que estão ligados muitos santuários da América Latina, e gostaria de dirigir uma saudação em espanhol.

Em todos vós, nos Santuários da América Latina, vejo Guadalupe e muitos outros, que estão em ligação conosco, unidos em oração. Saúdo-vos na minha língua materna. Obrigado por estardes próximos de todos nós.

Que a nossa Mãe de Guadalupe nos acompanhe!

